

2.^a SÉRIE
1.º TRIMESTRE

FILOSOFIA

Professor Fábio Luiz de Almeida Mesquita

2018

SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Competências da área (Matriz de referência do Enem)	6
Eixo estruturante da área	7
Fundamentos da Filosofia – Eixo Temático e Conteúdos	9
Teoria do conhecimento (“fenômeno: humano e social” específico da série).....	10
Ética: educação, emancipação, liberdade e felicidade (“fenômeno: humano e social” específico da série).....	10
Planejamento das aulas – Uma aula semanal.....	11
Texto 1 – Meditações (1. ^a e 2. ^a).....	12
Texto 2 – Ensaio acerca do entendimento humano	29
Texto 3 – Investigação acerca do entendimento humano	31
Texto 4 – Que é esclarecimento (<i>Aufklärung</i>)? 1784.....	39
Texto 5 – Origem do conhecimento (síntese das epistemologias de diversos filósofos da modernidade)	47
A filosofia no Enem e nos vestibulares	54
Gabarito:	65

Apresentação

Este curso de Filosofia tem como objetivo central introduzir os alunos da 2.^a série do EM na Filosofia, a partir de dois grandes eixos temáticos: TEORIA DO CONHECIMENTO/EPISTEMOLOGIA (1.º Trimestre) E ÉTICA (Liberdade, educação e emancipação – 2.º Trimestre e Felicidade 3.º Trimestre). Queremos mostrar que a filosofia está viva, faz parte do nosso dia-dia e nos ajuda a pensar sobre o que acontece ao nosso redor. Esses temas filosóficos serão explorados a fim de que o aluno, no final do ano, tenha explorado o universo, a natureza, a cultura, “o mundo” em que vive; pensado sobre a construção de sua própria identidade e refletido sobre sua relação com o próximo.

Ao mesmo tempo em que exploramos esses temas, vamos conhecer a história da filosofia moderna e contemporânea, por isso refletiremos sobre os pensamentos dos seguintes filósofos:

- René Descartes (Racionalismo)
- John Locke (Empirismo)
- David Hume (Empirismo e Ceticismo)
- Immanuel Kant (Crítico – Teoria do Conhecimento e Ética do Dever)
- Jean-Paul Sartre (Existencialismo)
- Theodor Adorno (Escola de Frankfurt)
- Max Horkheimer (Escola de Frankfurt)
- Arthur Schopenhauer (Teoria da Vontade e Ética da Compaixão)
- Friedrich Nietzsche (Gênese das Morais)
- Sigmund Freud (Psicanálise)

■ COMPETÊNCIAS DA ÁREA (MATRIZ DE REFERÊNCIA DO ENEM)**MATRIZ DE REFERÊNCIA PARA O ENEM 2011****Matriz de Referência de Ciências Humanas e suas Tecnologias**

- H1** – Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.
- H2** – Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.
- H3** – **Associar as manifestações culturais do presente aos seus processos históricos.**
- H4** – Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
- H5** – Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.
- H11** – Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.
- H13** – Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.
- H14** – Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.
- H15** – Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da história.
- H16** – Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.
- H22** – Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.
- H23** – Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.
- H24** – Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.
- H25** – Identificar estratégias que promovam formas de inclusão social.

■ EIXO ESTRUTURANTE DA ÁREA

FENÔMENO: HUMANO E SOCIAL

O conceito fenômeno é compreendido pela filosofia de diversas maneiras, respeitando-se tempo e espaço de sua elaboração. Como exemplo, citamos Descartes (*Principia Philosophiae*, 1644, III, 4), Bacon (*De interpretatione naturae proemium*, 1603), Galileu (*Dialogo sopra i due massimi sistemi del mondo*, 1624) e Hobbes (*De corpore*, 1655, 25, parág. 1), que conceberam o fenômeno como sinônimo de aparência, daquilo que é observável, que pode ser visto, objetos sensorialmente percebidos. De modo distinto, em Kant, o fenômeno é dado como oposto à coisa em si, essência incognoscível do mundo (númeno). Na filosofia kantiana, tal conceito não se restringe àquilo que se manifesta, mas é aquilo que se manifesta ao homem nas condições limitativas de seu próprio conhecimento (tempo, espaço e categorias do intelecto). Tudo aquilo que extrapola tais limites e não possui relação entre o sujeito e o objeto recai no campo da mera especulação filosófica.

Nesse cenário complexo e conflitante, faz-se necessário especificar o que entendemos por fenômeno e explicar a razão de ele ser o nosso eixo estruturante. Nosso ponto de apoio se encontra na filosofia contemporânea, em Husserl (*Investigações Lógicas – 1900-1901*), que define o fenômeno não só como o que aparece ou se manifesta ao homem em condições particulares, mas também como aquilo que aparece ou se manifesta em si mesmo, como é em si, na sua essência. Desse modo, enquanto eixo estruturante, o fenômeno é compreendido de modo fenomenológico, ou seja, os fenômenos são objetos revelados, manifestos e devem ser estudados levando em consideração sua essência, em si mesmos. Merleau-Ponty (*Phénoménologie de la Perception, Préface*, 1945) define a fenomenologia como “o estudo das essências, e todos os problemas, segundo a fenomenologia, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade (particularidade)”.

Por essa razão, tratar o eixo estruturante de nossas disciplinas com a palavra “fenômeno”, especificamente, o “humano” e o “social”, é lançar luz aos estudos dos conhecimentos que se fazem presentes nos fatos manifestos e, ao mesmo tempo, às essências daquilo que nos aparece. Nosso foco serão os fenômenos humanos e sociais, isto quer dizer, analisaremos temas como ciência, estética, lógica, cultura, antropologia, psicologia, sociologia, filosofia, história, religião, mitologia, natureza etc. Não nos restringimos ao mero aparente, pois se fizéssemos isso nos reduziríamos àquilo que se manifesta. Vamos além disso. Preocupamo-nos em conhecer o mundo por aquilo que nos é dado como fato religioso, social e filosófico, mas não apenas isso, queremos, principalmente, investigar a essência, aquilo que não está posto, não manifesto e que possui importância fundamental na compreensão de si próprio, do outro e do mundo.

1

Fundamentos da Filosofia – Eixo Temático e Conteúdos

Objetivos

Ampliar os estudos do componente curricular, a partir de duas temáticas filosóficas: (1) Teoria do conhecimento/epistemologia; (2) Ética: liberdade, educação, emancipação, liberdade e felicidade. Tais temas são tratados de modo interdisciplinar, principalmente com Sociologia e Ensino Religioso, visando a formação de um ser humano mais crítico e com uma consciência mais integral.

■ TEORIA DO CONHECIMENTO (“FENÔMENO: HUMANO E SOCIAL” ESPECÍFICO DA SÉRIE)

Validar todo o conhecimento humano, todos os fenômenos possíveis e existentes, eis a tarefa desta área filosófica. Os problemas apresentados são de elevada magnitude, pois, caso não sejam respondidos, coloca-se em xeque todos os conhecimentos possíveis. Nesse sentido, todos os fenômenos, todos os componentes curriculares, todo o conhecimento humano produzido até hoje, podem ser foco de engano, ilusão e erro. A epistemologia ou teoria do conhecimento é responsável por apresentar as etapas e os limites do conhecimento, especificamente, nas relações que se estabelecem entre o sujeito indagativo e o objeto inerte, as duas polaridades tradicionais do processo cognitivo. Sabe-se que a teoria do conhecimento surge de modo autônomo na Idade Moderna, a partir das indagações metafísicas de Descartes, Locke, Hume, todos mergulhados no conflito entre racionalistas, empiristas e céticos. Esses debates culminaram na crítica da razão produzida por Kant no século XVIII.

■ ÉTICA: EDUCAÇÃO, EMANCIPAÇÃO, LIBERDADE E FELICIDADE (“FENÔMENO: HUMANO E SOCIAL” ESPECÍFICO DA SÉRIE)

A convivência em sociedade é uma necessidade humana, no entanto, ninguém nasce sabendo como se portar moralmente, o certo e o errado a fazer. Por isso, é necessário aprender a viver em sociedade. É essencial que no nosso processo de formação consigamos superar o egocentrismo e construir um ser humano mais compassivo e empático. Com o objetivo de educar as novas gerações, é comum e problemático desenvolvermos técnicas de doutrinação, as quais não geram autonomia e reflexão crítica. Embora na fase da heteronomia as crianças necessitem de regras que vêm de fora, aos poucos é preciso abrir espaços de discussão e clarificação de valores, de modo a estimular o processo de adesão pessoal às normas, que permitirão o exercício futuro da autonomia na vida adulta.

Nesse sentido, enquanto estudo de fenômenos sociais, a ética nos auxilia no entendimento de nós mesmos inseridos num mundo plural, multimoral, repleto de valores, regras de convivência, normas, leis etc. Compreender a estrutura desse mundo, suas conexões, relações de causa e efeito a partir da ação moral, é o foco central de investigarmos essa especificidade de nosso eixo estruturante. Vale destacar que um dos quatro objetivos da LDB 9393/96 para o Ensino Médio é “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. Por essa razão, nota-se que a ética, entendida como parte do nosso eixo estruturante “Fenômeno: Social e Humano”, perpassa por vários temas, conceitos e conteúdos essenciais da filosofia, conseguindo se integrar com outros componentes curriculares, especificamente história, geografia, literatura, sociologia e ensino religioso. Sendo assim, conceitos transversais serão explorados pela filosofia durante a série, podendo ser, ao mesmo tempo, contemplados por outras áreas do conhecimento. Vale destacar os conceitos a que nos referimos: epistemologia, racionalismo, empirismo, iluminismo (esclarecimento), ceticismo, criticismo, indústria cultural, cultura de massa, razão instrumental, sociedade unidimensional, contracultura, autonomia, heteronomia, liberdade, responsabilidade, contingência, angústia, existência, essência, igualdade, felicidade, imperativo categórico, cosmopolitismo, vontade, inconsciente e psicanálise.

■ PLANEJAMENTO DAS AULAS – UMA AULA SEMANAL

- Aula 1** – Apresentação do curso sobre teoria do conhecimento: René Descartes (Racionalismo), John Locke (Empirismo), David Hume (Empirismo/Ceticismo) e Immanuel Kant (Criticismo). Filosofia de Descartes: Dúvida Metódica. Apresentação da importância e do problema da dúvida enquanto um questionamento racional humano.
- Aula 2** – Continuação da reflexão sobre a dúvida, apresentá-la enquanto método na filosofia de René Descartes e apresentar a questão do cogito enquanto verdade indubitável. Vida virtual e vida real – Projeto Vida. Resolução de dúvidas das atividades propostas.
- Aula 3** – John Locke – Empirismo, experiências, 5 sentidos, tábula rasa.
- Aula 4** – John Locke – Discussão sobre gênero, sexualidade e transexualidade. Resolução de dúvidas das atividades propostas.
- Aula 5** – David Hume – a força do hábito, empirismo, ceticismo, rótulos e *bullying*.
- Aula 6** – David Hume – Análise das atividades propostas. Discussão sobre *bullying*.
- Aula 7** – Immanuel Kant – Análise de sua epistemologia. Leitura do texto. Propor debate sobre drogas lícitas e ilícitas e a questão da menoridade em Kant.
- Aula 8** – Immanuel Kant – Correção e diálogo sobre as atividades propostas. Drogas lícitas e ilícitas.

Filosofia/Matemática



<https://goo.gl/aoi8lG>

■ René Descartes (1596-1650)
Foi um filósofo, físico e matemático francês. É conhecido também por seu nome latino Renatus Cartesius.

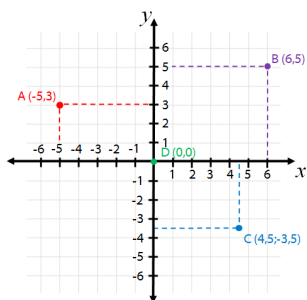
Filosofia

Meditações Metafísicas: “menos conhecidas pelo grande público do que o *Discurso do Método*, para os filósofos, porém, *Meditações Metafísicas* constituem a obra-mestra de Descartes, livro em torno do qual se articulam todos os outros textos. E mais: um pilar e um eixo para toda a história da filosofia.”

■ HUISMAN, Denis. *Dicionário de Obras Filosóficas*. Martins Fontes, 2002. p. 363.

Matemática

Plano Cartesiano



<https://goo.gl/Xk1DlH>

■ Criado por René Descartes, o plano cartesiano consiste em dois eixos perpendiculares, sendo o horizontal chamado de eixo das abscissas e o vertical de eixo das ordenadas. O plano cartesiano foi desenvolvido por Descartes no intuito de localizar pontos num determinado espaço.

■ TEXTO 1 – MEDITAÇÕES (1.^a E 2.^a)

DESCARTES, René. *Meditações*. (Os Pensadores)
São Paulo, Abril Cultural, 1983.

MEDITAÇÃO PRIMEIRA¹

Das Coisas que se Podem Colocar em Dúvida

1. Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão muito duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as **opiniões** a que até então dera crédito, e **começar tudo novamente desde os fundamentos**, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências. Mas, parecendo-me ser muito grande essa empresa, aguardei atingir uma idade que fosse tão madura que não pudesse esperar outra após ela, na qual eu estivesse mais apto para executá-la; o que me fez diferi-la por tão longo tempo que doravante acreditaria cometer uma falta se empregasse ainda em deliberar o tempo que me resta para agir.

2. Agora, pois, que meu espírito está livre de todos os cuidados, e que consegui um repouso assegurado numa pacífica solidão, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade em **destruir em geral todas as minhas antigas opiniões**. Ora, não será necessário, para alcançar esse desígnio, provar que todas elas são falsas, o que talvez nunca levasse a cabo; mas, uma vez que **a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente impedir-me de dar crédito às coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis, do que às que nos parecem manifestamente ser falsas, o menor motivo de dúvida que eu nelas encontrar bastará para me levar a rejeitar todas**². E, para isso, não é necessário que examine cada uma em particular, o que seria um trabalho infinito; mas, visto que a ruína dos alicerces carrega necessariamente consigo todo o resto do edifício, dedicar-me-ei inicialmente aos princípios sobre os quais todas as minhas antigas opiniões estavam apoiadas.

3. Tudo o que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, **aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos**: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência **nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez**³.

4. Mas, ainda que os sentidos nos enganem às vezes, no que se refere às coisas pouco sensíveis e muito distantes, encontramos talvez muitas outras, das quais não se pode razoavelmente duvidar, embora as conhecêssemos por intermédio deles: por exemplo, que eu esteja aqui, sentado

junto ao fogo, vestido com um chambre, tendo este papel entre as mãos e outras coisas desta natureza. E como poderia eu negar que estas mãos e este corpo sejam meus? **A não ser, talvez, que eu me compare e esses insensatos, cujo cérebro está de tal modo perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bile que constantemente asseguram que são reis quando são muito pobres; que estão vestidos de ouro e de púrpura quando estão inteiramente nus; ou imaginam ser cântaros ou ter um corpo de vidro. Mas quê? São loucos e eu não seria menos extravagante se me guiasse por seus exemplos.**

5. Todavia, **devo aqui considerar que sou homem⁴** e, por conseguinte, que tenho o costume de dormir e de representar, em meus sonhos, as mesmas coisas, ou algumas vezes menos verossímeis, que esses insensatos em vigília. Quantas vezes ocorreu-me sonhar, durante a noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse inteiramente nu dentro de meu leito? Parece-me agora que não é com olhos adormecidos que contemplo este papel; que esta cabeça que eu mexo não está dormente; que é com desígnio e propósito deliberado que estendo esta mão e que a sinto: o que **ocorre no sono não parece ser tão claro nem tão distinto quanto tudo isso. Mas, pensando cuidadosamente nisso, lembro-me de ter sido muitas vezes enganado, quando dormia, por semelhantes ilusões.** E, detendo-me neste pensamento, vejo tão manifestamente que não há quaisquer indícios concludentes, nem marcas assaz certas por onde se possa **distinguir nitidamente a vigília do sono, que me sinto inteiramente pasmado: e meu pasmo é tal que é quase capaz de me persuadir de que estou dormindo.**

6. Suponhamos, pois, agora, que estamos adormecidos e que todas essas particularidades, a saber, que abrimos os olhos que mexemos a cabeça, que estendemos as mãos, e coisas semelhantes, não passam de falsas ilusões; e pensemos que talvez nossas mãos, assim como todo o nosso corpo, **não são tais como os vemos. Todavia, é preciso ao menos confessar que as coisas que nos são representadas durante o sono são como quadros e pinturas, que não podem ser formados senão à semelhança de algo real e verdadeiro;** e que assim, pelo menos, essas coisas gerais, a saber, olhos, cabeça, mãos e todo o resto do corpo, não são coisas imaginárias, mas verdadeiras e existentes. Pois, na verdade, os pintores, mesmo quando se empenham com o maior artifício em representar sereias e sátiros por formas estranhas e extraordinárias, não lhes podem, todavia, atribuir formas e naturezas inteiramente novas, mas apenas fazem certa mistura e composição dos membros de diversos animais; ou então, se porventura sua imaginação for assaz extravagante para inventar algo de tão novo, que jamais tenhamos visto coisa semelhante e que assim sua obra nos represente uma coisa puramente fictícia e absolutamente falsa, certamente ao menos as cores com que eles a compõem devem ser verdadeiras.

Vocabulário filosófico

Dúvida metódica: método utilizado por Descartes para eliminar todas as pretensas verdades, buscando-se, assim, uma verdade indubitável e inquestionável.

Ceticismo: doutrina segundo a qual o espírito humano não pode atingir nenhuma certeza a respeito da verdade.

Dogmatismo: pressuposto teórico, comum a diversas doutrinas filosóficas, que considera o conhecimento humano apto à obtenção de verdades absolutamente certas e seguras.

Racionalismo: qualquer doutrina que privilegia a razão como meio de conhecimento e explicação da realidade.

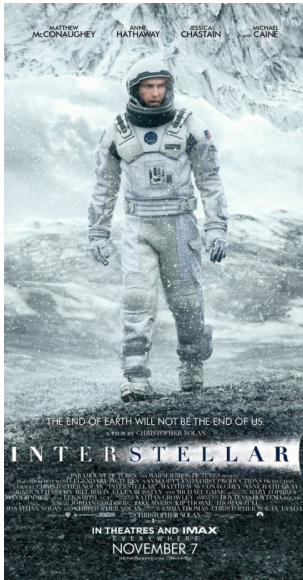
Empirismo: doutrina segundo a qual todo conhecimento provém unicamente da experiência, limitando-se ao que pode ser captado do mundo externo, pelos sentidos.

Filme/Cinema



- **A origem / Inception (2010)**
Direção: Christopher Nolan
Ficção científica que explora a dúvida entre o sonho e a realidade.

Filme/Cinema



■ *Interstellar* (2014)
 Direção: Christopher Nolan
 Ficção científica aclamada pela crítica e pelo público, que explora diversas reflexões sobre a veracidade do real.

Filosofia

“As perguntas em filosofia são mais essenciais que as respostas e cada resposta transforma-se numa nova pergunta.”

JASPERS, K. *Introdução ao pensamento filosófico*, São Paulo: Cultrix, 1971, p. 140.



■ Karl Jaspers (1883-1969)

7. E pela mesma razão, ainda que essas coisas gerais, a saber, olhos, cabeça, mãos e outras semelhantes, possam ser imaginárias, é preciso, todavia, confessar que há coisas ainda mais simples e mais universais, que são verdadeiras e existentes; de cuja mistura, nem mais nem menos do que da mistura de algumas cores verdadeiras, são formadas todas essas imagens das coisas que residem nesse pensamento, quer verdadeiras e reais, quer fictícias e fantásticas. **Desse gênero de coisas é a natureza corpórea em geral, e sua extensão;** juntamente com a figura das coisas extensas, sua quantidade, ou grandeza, e seu número; como também o lugar em que estão, o tempo que mede sua duração e outras coisas semelhantes⁵.

8. Eis por que, talvez, **daí nós não concluamos mal se dissermos que a Física, a Astronomia, a Medicina e todas as outras ciências dependentes da consideração das coisas compostas são muito duvidosas e incertas;** mas que a Aritmética, a Geometria e as outras ciências desta natureza, que não tratam senão de coisas muito simples e muito gerais, sem cuidarem muito em se elas existem ou não na natureza, **contêm alguma coisa de certo e indubitável. Pois, quer eu esteja acordado, quer esteja dormindo, dois mais três formarão sempre o número cinco e o quadrado nunca terá mais do que quatro lados;** e não parece possível que verdades tão patentes possam ser suspeitas de alguma falsidade ou incerteza.

9. Todavia, há muito que tenho no meu espírito certa opinião⁶ de que há um Deus que tudo pode e por quem fui criado e produzido tal como sou. **Ora, quem me poderá assegurar que esse Deus não tenha feito com que não haja nenhuma terra, nenhum céu, nenhum corpo extenso, nenhuma figura, nenhuma grandeza, nenhum lugar e que, não obstante, eu tenha os sentimentos de todas essas coisas e que tudo isso não me pareça existir de maneira diferente daquela que eu vejo?** E, mesmo, como julgo que algumas vezes os outros se enganam até nas coisas que eles acreditam saber com maior certeza, **pode ocorrer que Deus tenha desejado que eu me engane todas as vezes em que faço a adição de dois mais três, ou em que enumero os lados de um quadrado, ou em que julgo alguma coisa ainda mais fácil, se é que se pode imaginar algo mais fácil do que isso. Mas pode ser que Deus não tenha querido que eu seja decepcionado desta maneira, pois ele é considerado soberanamente bom. Todavia, se repugnasse à sua bondade fazer-me de tal modo que eu me enganasse sempre, pareceria também ser-lhe contrário permitir que eu me engane algumas vezes e, no entanto, não posso duvidar de que ele me permita⁷.**

10. Haverá talvez aqui pessoas que preferirão negar a existência de um Deus tão poderoso a acreditar que todas as outras coisas são incertas. Mas não lhes resistamos no momento e suponhamos, em favor delas, que tudo quanto

aqui é dito de um Deus seja uma fábula. Todavia, de qualquer maneira que suponham ter eu chegado ao estado e ao ser que possuo, quer o atribuam a algum destino ou fatalidade, quer o refiram ao acaso, quer queiram que isto ocorra por uma contínua série e conexão das coisas, é certo que, **já que falhar e enganar-se é uma espécie de imperfeição, quanto menos poderoso for o autor a que atribuírem minha origem tanto mais será provável que eu seja de tal modo imperfeito que me engane sempre.** Razões às quais nada tenho a responder, mas sou obrigado a confessar que, de todas as opiniões que recebi outrora em minha crença como verdadeiras, **não há nenhuma da qual não possa duvidar atualmente,** não por alguma inconsideração ou leviandade, mas por razões muito fortes e maduramente consideradas: de sorte que é necessário que interrompa e suspenda doravante meu juízo sobre tais pensamentos, e que **não mais lhes dê crédito,** como faria com as coisas que me parecem evidentemente falsas, **se desejo encontrar algo de constante e de seguro nas ciências**⁸.

11. Mas não basta ter feito tais considerações, é preciso ainda que cuide de lembrar-me delas; pois essas antigas e ordinárias opiniões ainda me voltam amiúde ao pensamento, dando-lhes a longa e familiar convivência que tiveram comigo o direito de ocupar meu espírito mau grado meu e de tornarem-se quase que senhoras de minha crença. E jamais perderei o costume de aquiescer a isso e de confiar nelas, enquanto as considerar como são efetivamente, ou seja, como duvidosas de alguma maneira, como acabamos de mostrar, e todavia muito prováveis, de sorte que se tem muito mais razão em acreditar nelas do que em negá-las. Eis por que penso que me utilizarei delas mais prudentemente se, tomando partido contrário, empregar todos os meus cuidados em enganar-me a mim mesmo, fingindo que todos esses pensamentos são falsos e imaginários; até que, tendo de tal modo sopesado meus prejuízos, **eles não possam inclinar minha opinião mais para um lado do que para o outro,** e meu juízo não mais seja doravante dominado por maus usos e **desviado do reto caminho que pode conduzi-lo ao conhecimento da verdade.** Pois estou seguro de que, apesar disso, não pode haver perigo nem erro nesta via e de que não poderia hoje aceder demasiado à minha desconfiança, posto que não se trata no momento de agir, mas somente de editar e de conhecer.

12. Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno⁹ não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos **são apenas ilusões e enganos** de que ele se serve para surpreender minha credulidade. Considerar-me-ei a mim mesmo absolutamente desprovido de mãos, de olhos, de carne, de sangue, desprovido de quaisquer sentidos, mas

Filme/Cinema



■ *Dúvida* (2008)

Diretor: John P. Shanley

Filme ambientado em escola católica do bairro nova-iorquino do Bronx que recebe seu primeiro aluno negro.

Inicia-se o sermão do padre Flynn sobre a dúvida, tema que norteará toda a trama.

HUMANÍSTICA – CSL

PROJETO VIDA

PROJETO DEMOCRACIA E PARTICIPAÇÃO

Transversalidade: Existem 106 milhões de pretos e pardos no Brasil (53,6%) (IBGE-2015). Quantos existem na sua sala de aula? Vamos falar sobre racismo? O que podemos fazer?



Arte



<https://goo.gl/aP9ak2>

■ **A Condição Humana**, (1933)
 Autor: René Magritte
 O real é maior do que o quadro ou o real é uma construção contínua composta por infinitos quadros, nos quais a realidade é tecida?



<https://goo.gl/raRUR>

■ **The Treachery of Images** (Isso não é um cachimbo) (1948)
 Autor: René Magritte

“Se eu tivesse escrito sob meu quadro ‘isto é um cachimbo’, eu estaria mentindo.”



<https://goo.gl/aWAPX>

■ **Sono** (1937)
 Autor: Salvador Dalí
 Esse sono é um verdadeiro monstro “crisálido”, cuja morfologia e nostalgia são apoiadas por onze muletas principais. Trata-se de uma representação visual do colapso do corpo durante o sono.

dotado da falsa crença de ter todas essas coisas. Permanecerei obstinadamente apegado a esse pensamento; e se, por esse meio, não está em meu poder chegar ao conhecimento de qualquer verdade, ao menos está ao meu alcance **suspender meu juízo**. Eis por que cuidarei zelosamente de não receber em minha crença nenhuma falsidade, e prepararei tão bem meu espírito a todos os ardis desse **grande enganador** que, por poderoso e ardiloso que seja, nunca poderá impor-me algo.

13. Mas esse desígnio é árduo e trabalhoso¹⁰ e certa preguiça arrasta-me insensivelmente para o ritmo de minha vida ordinária. E, assim como um escravo que gozava de uma liberdade imaginária, **quando começa a suspeitar de que sua liberdade é apenas um sonho, teme ser despertado e conspira com essas ilusões agradáveis para ser mais longamente enganado, assim eu reincido insensivelmente por mim mesmo em minhas antigas opiniões e evito despertar dessa sonolência, de medo de que as vigílias laboriosas que se sucederiam à tranquilidade de tal repouso, em vez de me propiciarem alguma luz ou alguma clareza no conhecimento da verdade, não fossem suficientes para esclarecer as trevas das dificuldades que acabam de ser agitadas.**

MEDITAÇÃO SEGUNDA¹¹

Da Natureza do Espírito Humano; e de como Ele é Mais Fácil de Conhecer do que o Corpo

1. A Meditação que fiz ontem encheu-me o espírito de tantas dúvidas, que doravante não está mais em meu alcance esquecer-las. E, no entanto, não vejo de que maneira poderia resolvê-las; e, como se de súbito tivesse caído em águas muito profundas, estou de tal modo surpreso que não posso nem firmar meus pés no fundo, nem nadar para me manter à tona. Esforçar-me-ei, não obstante, e seguirei novamente a mesma via que trilhei ontem, **afastando-me de tudo em que poderia imaginar a menor dúvida**, da mesma maneira como se eu soubesse que isto fosse absolutamente falso; e continuarei sempre nesse caminho até que tenha encontrado algo de certo, ou, pelo menos, se outra coisa não me for possível, até que tenha aprendido certamente que não há nada no mundo de certo.

2. Arquimedes, para tirar o globo terrestre de seu lugar e transportá-lo para outra parte, não pedia nada mais exceto **um ponto que fosse fixo e seguro**. Assim, terei o direito de conceber altas esperanças, se for bastante feliz para **encontrar somente uma coisa que seja certa e indubitável**¹².

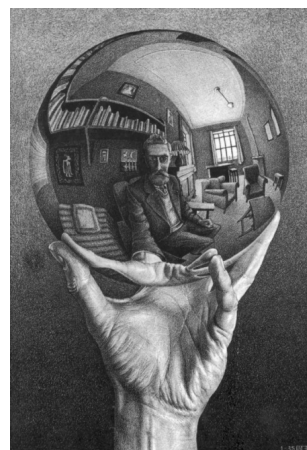
3. Suponho, portanto, que todas as coisas que vejo são falsas; persuado-me de que jamais existiu de tudo quanto minha memória referta de mentiras me representa; penso não possuir nenhum sentido; creio que o corpo, a figura, a

extensão, o movimento e o lugar são apenas ficções de meu espírito. **O que poderá, pois, ser considerado verdadeiro?** Talvez nenhuma outra coisa a não ser que nada há no mundo de certo.

4. Mas que sei eu, se não há nenhuma outra coisa diferente das que acabo de julgar incertas, da qual não se possa ter a menor dúvida? Não haverá algum Deus, ou alguma outra potência, que me ponha no espírito tais pensamentos? **Isso não é necessário; pois talvez seja eu capaz de produzi-los por mim mesmo. Eu então, pelo menos, não serei alguma coisa? Mas já neguei que tivesse qualquer sentido ou qualquer corpo. Hesito, no entanto, pois que se segue daí? Serei de tal modo dependente do corpo e dos sentidos que não possa existir sem eles? Mas eu me persuadi de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns: não me persuadi também, portanto, de que eu não existia¹³? Certamente não, eu existia sem dúvida, se é que eu me persuadi, ou, apenas, pensei alguma coisa. Mas há algum, não sei qual, enganador muito poderoso e mui ardiloso que emprega toda a sua indústria em enganar-me sempre. Não há, pois, dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa¹⁴. De sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito¹⁵.**

5. Mas não conheço ainda bastante claramente o que sou, eu que estou certo de que sou; de sorte que doravante é preciso que eu atente com todo cuidado, para não tomar imprudentemente alguma outra coisa por mim, e assim para não equivocar-me neste conhecimento que afirmo ser mais certo e mais evidente do que todos os que tive até agora¹⁶.

6. Eis por que considerarei de novo o que acreditava ser, antes de me empenhar nestes últimos pensamentos; e de minhas antigas opiniões suprimirei tudo o que pode ser combatido pelas razões que aleguei há pouco, **de sorte que permaneça apenas precisamente o que é de todo indubitável.** O que, pois, acreditava eu ser até aqui? Sem dificuldade, pensei que era um homem. Mas que é um homem? Direi que é um animal racional? Certamente não: pois seria necessário em seguida pesquisar o que é animal e o que é racional e assim, de uma só questão, cairíamos insensivelmente numa infinidade de outras mais difíceis e embaraçosas, e eu não quereria abusar do pouco tempo e lazer que me resta empregando-o em deslindar semelhantes sutilezas¹⁷. **Mas, antes, deter-me-ei em considerar aqui os pensamentos que anteriormente nasciam por si mesmos em meu espírito e que eram inspirados apenas por minha natureza, quando**



■ *Mão com esfera refletora* (1935)

Autor: Escher

O pintor faz sua imagem refletida na esfera, o que possibilita detalhar o ambiente inteiro, mas, por curiosidade: com que mão ele segura a esfera: com a direita ou com a esquerda?

Matemática

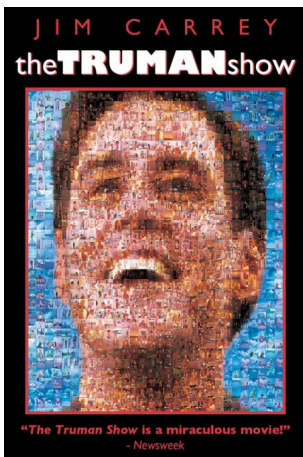


■ Arquimedes (287 a.C. - 212 a.C.)

Foi um matemático, físico, engenheiro e astrônomo grego.

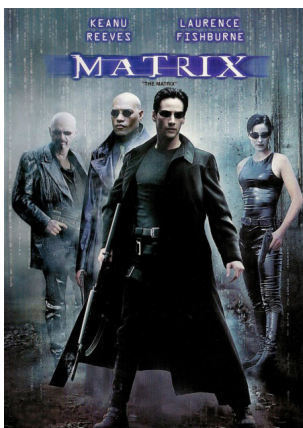
COGITO = Dubito, ergo cogito, ergo sum (Dwido, logo penso, logo existo).

Filme/Cinema



https://goo.gl/0a6pzc

- *O Show de Truman* (1998)
Direção: Peter Weir
O filme mostra a vida de Truman Burbank, um homem que não sabe que está vivendo numa realidade simulada por um programa da televisão.



https://goo.gl/VPm0tE

- *Matrix* (1999)
Direção: irmãos Wachowski
Ficção científica que aborda a dúvida entre o virtual e o real.

me aplicava à consideração de meu ser. Considerava-me, inicialmente, como provido de rosto, mãos, braços e toda essa máquina composta de ossos e carne, tal como ela aparece em um cadáver, a qual eu designava pelo nome de corpo. Considerava, além disso, que me alimentava, que caminhava, que sentia e que pensava e relacionava todas essas ações à alma¹⁸; mas não me detinha em pensar em que consistia essa alma, ou, se o fazia, imaginava que era algo extremamente raro e sutil, como um vento, uma flama ou um ar muito tênue, que estava insinuado e disseminado nas minhas partes mais grosseiras. No que se referia ao corpo, não duvidava de maneira alguma de sua natureza; pois pensava conhecê-la mui distintamente e, se quisesse explicá-la segundo as noções que dela tinha, tê-la-ia descrito desta maneira: por corpo entendo tudo o que pode ser limitado por alguma figura; que pode ser compreendido em qualquer lugar e preencher um espaço de tal sorte que todo outro corpo dele seja excluído; que pode ser sentido ou pelo tato, ou pela visão, ou pela audição, ou pelo olfato; que pode ser movido de muitas maneiras, não por si mesmo, mas por algo de alheio pelo qual seja tocado e do qual receba a impressão. Pois não acreditava de modo algum que se devesse atribuir à natureza corpórea vantagens como ter de si o poder de mover-se, de sentir e de pensar; ao contrário, espantava-me antes ao ver que semelhantes faculdades se encontravam em certos corpos¹⁹.

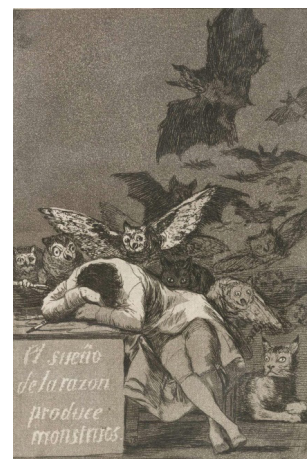
7. Mas eu, o que sou eu, agora que suponho²⁰ que há alguém que é extremamente poderoso e, se ousar dizê-lo, malicioso e ardiloso, que emprega todas as suas forças e toda a sua indústria em enganar-me? Posso estar certo de possuir a menor de todas as coisas que atribuí há pouco à natureza corpórea? Detenho-me em pensar nisto. Com atenção, passo e repasso todas essas coisas em meu espírito, e não encontro nenhuma que possa dizer que exista em mim. Não é necessário que me demore a enumerá-las. Passemos, pois, aos atributos da alma e vejamos se há alguns que existam em mim. Os primeiros são alimentar-me e caminhar; mas, se é verdade que não possuo corpo algum, é verdade também que não posso nem caminhar nem alimentar-me. Um outro é sentir; mas não se pode também sentir sem o corpo; além do que, pensei sentir outrora muitas coisas, durante o sono, as quais reconheci, ao despertar, não ter sentido efetivamente. Um outro é pensar; e verifico aqui que o pensamento é um atributo que me pertence; só ele não pode ser separado de mim. Eu sou, eu existo: isto é certo; mas por quanto tempo? A saber, por todo o tempo em que eu penso²¹; pois poderia, talvez, ocorrer que, se eu deixasse de pensar, deixaria ao mesmo tempo de ser ou de existir. Nada admito agora que não seja necessariamente verdadeiro: nada sou, pois, falando precisamente, senão uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão, que são termos cuja significação me era anteriormente²² desconhecida. Ora, eu sou uma coisa verdadeira e verdadeiramente existente; mas

que coisa? Já o disse: **uma coisa que pensa**. E que mais? Excitarei ainda minha imaginação para procurar saber se não sou algo mais. Eu não sou essa reunião de membros que se chama o corpo humano; não sou um ar tênue e penetrante, disseminado por todos esses membros; não sou um vento, um sopro, um vapor, nem algo que posso fingir e imaginar, posto que supus que tudo isso não era nada e que, sem mudar essa suposição, verifico que não deixo de estar seguro de que sou alguma coisa²³.

8. Mas também pode ocorrer que essas mesmas coisas, que suponho não existirem, já que me são desconhecidas, não sejam efetivamente diferentes de mim, que eu conheço? Nada sei a respeito; não o discuto atualmente, não posso dar meu juízo senão a coisas que me são conhecidas: **reconheci que eu era, e procuro o que sou, eu que reconheci ser**. Ora, é muito certo que essa noção e conhecimento de mim mesmo, assim precisamente tomada, não depende em nada das coisas cuja existência não me é ainda conhecida²⁴; nem, por conseguinte, e com mais razão de nenhuma daquelas que são fingidas e inventadas pela imaginação. E mesmo esses termos fingir e imaginar advertem-me de meu erro; pois eu fingiria efetivamente se imaginasse ser alguma coisa, posto que **imaginar nada mais é do que contemplar a figura ou a imagem de uma coisa corporal**. Ora, sei já certamente que eu sou, e que, ao mesmo tempo, pode ocorrer que todas essas imagens e, em geral, todas as coisas que se relacionam à natureza do corpo sejam apenas sonhos ou quimeras. Em seguimento disso, vejo claramente que teria tão pouca razão ao dizer: excitarei minha imaginação para conhecer mais distintamente o que sou, como se dissesse: estou atualmente acordado e percebo algo de real e de verdadeiro; mas, visto que não o percebo ainda assaz nitidamente, dormiria intencionalmente a fim de que meus sonhos me representassem com maior verdade e evidência. E, assim, reconheço certamente que nada, de tudo o que posso compreender por meio da imaginação, **pertence a este conhecimento que tenho de mim mesmo e que é necessário lembrar e desviar o espírito dessa maneira de conceber a fim de que ele próprio possa reconhecer muito distintamente sua natureza**²⁵.

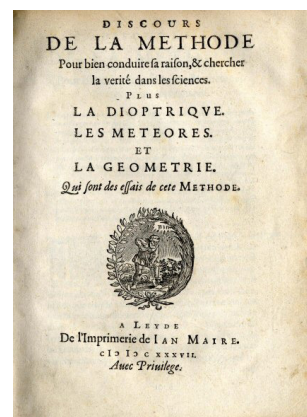
9. Mas o que sou eu, portanto? **Uma coisa que pensa. Que é uma coisa que pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente**²⁶. Certamente não é pouco se todas essas coisas pertencem à minha natureza. Mas por que não lhe pertenceriam? **Não sou eu próprio esse mesmo que duvida de quase tudo**, que, no entanto, entende e concebe certas coisas, que assegura e afirma que somente tais coisas são verdadeiras, que nega todas as demais, que quer e deseja conhecê-las mais, que não quer ser enganado, que imagina muitas coisas, mesmo mau grado seu, e que sente também muitas como que por intermédio dos órgãos do corpo? **Haverá algo em tudo isso que não seja tão verdadeiro quanto é certo**

Arte/História:



- **O sonho da razão produz monstros** (1799)
Autor: Francisco de Goya
Este quadro faz parte da série de 80 gravuras denominada Caprichos – Uma crítica à nobreza e ao clero europeu.

Filosofia



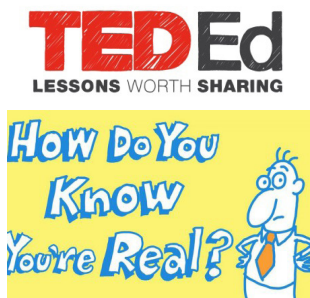
- **Discurso do método** (1637)
Autor: René Descartes
Publicado em Leiden, Holanda, apresenta a base da epistemologia de Descartes. Nele é proposto um modelo quase matemático para conduzir o pensamento humano.

Vocabulário

Método dedutivo (dedução): raciocínio lógico que faz uso da dedução para obter uma conclusão a respeito de determinada premissa. Ex.: $A=B$; $b=C$; logo, por dedução lógica e racional, $A=C$.

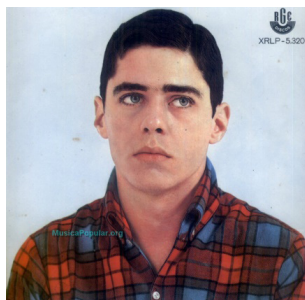
Método indutivo (indução): raciocínio que, após considerar um número suficiente de casos particulares, conclui uma verdade geral. Ex.: experiências científicas.

Vídeo/internet



- 1.º Passo: faça uma conta no TED-Ed. Entre no site: <http://ed.ted.com/> Coloque o seu nome completo para que eu consiga identificá-lo.
- 2.º Passo: Entre no link <http://ed.ted.com/on/31ZdzSDY> . Assista ao vídeo em (WATCH), pense respondendo às questões em (THINK) e responda/participe da discussão em (DISCUSS).

Música



- Até Pensei (1968)
Autor: Chico Buarque

Até Pensei

Junto à minha rua havia um bosque
 Que um muro alto proibia
 Lá todo balão caía, toda maçã nascia
 E o dono do bosque nem via
 Do lado de lá tanta aventura
 E eu a espreitar na noite escura
 A dedilhar essa modinha
 A felicidade morava tão vizinha
 Que, de tolo, até pensei que fosse minha
 Junto a mim morava a minha amada
 Com olhos claros como o dia
 Lá o meu olhar vivia
 De sonho e fantasia
 E a dona dos olhos nem via
 Do lado de lá tanta ventura
 E eu a esperar pela ternura
 Que a enganar nunca me vinha
 Eu andava pobre, tão pobre de carinho
 Que, de tolo, até pensei que fosses minha
 Toda a dor da vida me ensinou essa modinha
 Que de tolo até pensei que fosse minha.

que sou e que existo, mesmo se dormisse sempre e ainda quando aquele que me deu a existência se servisse de todas as suas forças para enganar-me? Haverá, também, algum desses atributos que possa ser distinguido de meu pensamento, ou que se possa dizer que existe separado de mim mesmo? Pois é por si tão e somente que sou eu quem duvida, que entende e quem deseja que **não é necessário nada acrescentar aqui para explicá-lo**. E tenho também certamente poder de imaginar; pois, ainda que possa ocorrer (como supus anteriormente) que as coisas que imagino não sejam verdadeiras, este poder de imagnar não deixa, no entanto, de existir realmente em mim e faz parte do meu pensamento. Enfim, sou o mesmo que sente, isto é, que recebe e conhece; coisas como que pelos órgãos dos sentidos, posto que, com efeito, vejo a luz, ouço o ruído, sinto o calor. Mas dir-me-ão que essas aparências são falsas, e que eu durmo. Que assim seja; todavia, ao menos, é muito certo que me parece que vejo, que ouço e que me aqueço; e é propriamente aquilo que em mim se chama sentir e isto, tomado assim precisamente, **nada é senão pensar. Onde, começo a conhecer o que sou, com um pouco mais de luz e de distinção do que anteriormente**²⁷.

10. Mas não me posso impedir de crer que as coisas corpóreas²⁸, cujas imagens se formam pelo meu pensamento, e que se apresentam aos sentidos, sejam mais distintamente conhecidas do que essa não sei que parte de mim mesmo que não se apresenta imaginação: **embora, com efeito, seja uma coisa bastante estranha que coisas que considero duvidosas e distantes sejam mais claras e mais facilmente conhecidas por mim do que aquelas que são verdadeiras e certas e que pertencem à minha própria natureza**. Mas vejo bem o que seja: meu espírito apraz-se em extraviar-se e não pode ainda conter-se nos justos limites da verdade. Soltemos-lhe, pois, ainda uma vez, as rédeas a fim de que, vindo, em seguida, a libertar-se delas suave e oportunamente, possamos mais facilmente dominá-lo e conduzi-lo²⁹.

11. Começemos pela consideração das coisas mais comuns e que acreditamos compreender mais distintamente, a saber, os corpos que tocamos e que vemos. Não pretendo falar dos corpos em geral, pois essas noções gerais são ordinariamente mais confusas, porém de qualquer corpo em particular. Tomemos, por exemplo, este pedaço de cera que acaba de ser tirado da colmeia: ele não perdeu ainda a doçura do mel que continha, retém ainda algo do odor das flores de que foi recolhido; sua cor, sua figura, sua grandeza, são patentes; é duro, é frio, tocamos-lo e, se nele batermos, produzirá algum som. Enfim, todas as coisas que podem distintamente fazer conhecer um corpo encontram-se neste.

12. Mas eis que, enquanto falo, é aproximado do fogo: o que nele restava de sabor exala-se, o odor se esvai, sua cor se modifica, sua figura se altera, sua grandeza aumenta, ele toma-se líquido, esquenta-se, mal o podemos tocar e, embora nele

batamos, nenhum som produzirá. **A mesma cera permanece após essa modificação? Cumpre confessar que permanece: e ninguém o pode negar.** O que é, pois, que se conhecia deste pedaço de cera com tanta distinção? Certamente não pode ser nada de tudo o que notei nela por intermédio dos sentidos, posto que todas as coisas que se apresentavam ao paladar, ao olfato, ou à visão, ou ao tato, ou à audição, **encontram-se mudadas e, no entanto, a mesma cera permanece.** Talvez fosse como penso atualmente, a saber, que a cera não era nem essa doçura do mel, nem esse agradável odor das flores, nem essa brancura, nem essa figura, nem esse som, mas somente um corpo que um pouco antes me aparecia sob certas formas e que agora se faz notar sob outras. Mas o que será, falando precisamente, que eu imagino quando a concebo dessa maneira? Consideremo-lo atentamente e, afastando todas as coisas que não pertencem à cera, vejamos o que resta. **Certamente nada permanece senão algo de extenso, flexível e mutável.** Ora, o que é isto: flexível e mutável? Não estou imaginando que esta cera, sendo redonda, é capaz de se tornar quadrada e de passar do quadrado a uma figura triangular? Certamente não, não é isso, posto que a concebo capaz de receber uma infinidade de modificações similares e eu não poderia, no entanto, percorrer essa infinidade com minha imaginação e, por conseguinte, essa concepção que tenho da cera não se realiza através da minha faculdade de imaginar³⁰.

13. E, agora, que é essa extensão? Não será ela igualmente desconhecida, já que na cera que se funde ela aumenta e fica ainda maior quando está inteiramente fundida e muito mais ainda quando o calor aumenta? E eu não conceberia claramente e segundo a verdade o que é a cera, se não pensasse que é capaz de receber mais variedades segundo a extensão do que jamais imaginei. É preciso, pois, que eu concorde que não poderia mesmo conceber pela imaginação o que é essa cera e que somente meu entendimento é quem o concebe³¹; digo este pedaço de cera em particular, pois para a cera em geral é ainda mais evidente. **Ora, qual é esta cera que não pode ser concebida senão pelo entendimento ou pelo espírito?** Certamente é a mesma que vejo, que toco, que imagino e a mesma que conhecia desde o começo. Mas o que é de notar é que sua percepção, ou a ação pela qual é percebida, não é uma visão, nem um tatear, nem uma imaginação, e jamais o foi, embora assim o parecesse anteriormente, mas somente uma inspeção do espírito, que pode ser imperfeita e confusa, como era antes, ou clara e distinta, como é, presentemente, conforme minha atenção se dirija mais ou menos às coisas que existem nela e das quais é composta.

14. Entretanto, eu não poderia espantar-me demasiado ao considerar o quanto meu espírito tem de fraqueza e de pendor que o leva insensivelmente ao erro. Pois, ainda que sem falar eu considere tudo isso em mim mesmo, as palavras detêm-me, todavia. Sou quase enganado pelos termos da

Vocabulário

Res extensas: Coisas extensas
– materiais, sensíveis,
perceptíveis.

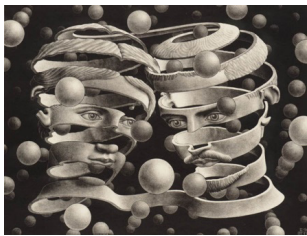
Res cogitans: Coisas pensantes
– abstrações, racionais,
intuídas.

Filme/Cinema



- *A Ilha do medo / Shutter Island* (2010)
Direção: Martin Scorsese
Qual a definição de loucura? Como saber quem é louco e quem é são?

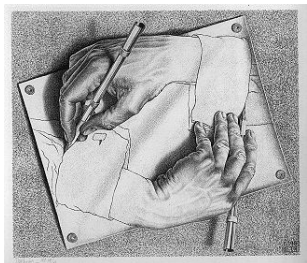
Museu/Internet



<http://www.mcescher.com>

■ *Laços/Bond of union* (1956)
Maurits Cornelis Escher
<http://www.mcescher.com>
Site oficial do artista holandês Escher (1898-1972), conhecido por suas construções inusitadas e fascinantes. O Museu do Escher fica em Haia, Holanda.

Arte



<https://goo.gl/6knhv6>

■ *Drawing hands*, (1948)
Autor: Escher



<https://goo.gl/6knhv6>

■ *Black Mirror* – Terceira temporada – episódio 2
Direção: Dan Trachtenberg
Um jovem norte-americano, em busca de novas experiências em Londres e necessitado de dinheiro, aceita participar como cobaia de um novo e revolucionário sistema de jogos virtuais que funciona através de um implante no cérebro.

linguagem comum; pois nós dizemos que vemos a mesma cera, se a apresentam, e não que julgamos que é a mesma, pelo fato de ter a mesma cor e a mesma figura: donde desejaria quase concluir que se conhece a cera pela visão dos olhos e **não pela tão só inspeção do espírito**, se por acaso não olhasse pela janela homens que passam pela rua, à vista dos quais não deixo de dizer que vejo homens da mesma maneira que digo que vejo a cera; e, entretanto, que vejo desta janela, senão chapéus e casacos que podem cobrir espectros ou homens fictícios que se movem apenas por molas? **Mas julgo que são homens verdadeiros e assim compreendo, somente pelo poder de julgar que reside em meu espírito, aquilo que acreditava ver com meus olhos.**

15. Um homem que procura elevar seu conhecimento para além do comum deve envergonhar-se de aproveitar ocasiões para duvidar das formas e dos termos do falar do vulgo; prefiro passar adiante e considerar se eu concebia com maior evidência e perfeição o que era a cera, quando a percebi inicialmente e acreditei conhecê-la por meio dos sentidos exteriores, ou ao menos por meio do senso comum, como o chamam, isto é, por meio do poder imaginativo, do que a concebo presentemente, após haver examinado mais exatamente o que ela é e de que maneira pode ser conhecida. Por certo, seria ridículo colocar isso em dúvida. Pois, que havia nessa primeira percepção que fosse distinto e evidente e que não pudesse cair da mesma maneira sob os sentidos do menor dos animais? **Mas quando distingo a cera de suas formas exteriores e, como se a tivesse despido de suas vestimentas, considero-a inteiramente nua³², é certo que, embora se possa ainda encontrar algum erro em meu juízo, não a posso conceber dessa forma sem um espírito humano³³.**

16. Mas, enfim, que direi desse espírito, isto é, de mim mesmo³⁴? Pois até aqui não admiti em mim nada além de um espírito. Que declararei, digo, de mim, que pareço conceber com tanta nitidez e distinção este pedaço de cera? Não me conheço a mim mesmo não só com muito mais verdade e certeza, mas também com muito maior distinção e nitidez? Pois, se julgo que a cera é ou existe pelo fato de eu a ver, sem dúvida segue-se bem mais evidentemente que eu próprio sou, ou que existo pelo fato de eu a ver. Pois pode acontecer que aquilo que eu vejo não seja, de fato, cera; pode também dar-se que eu não tenha olhos para ver coisa alguma; mas não pode ocorrer, quando vejo ou (coisa que não mais distingo) quando penso ver, que eu, que penso, não seja alguma coisa. Do mesmo modo, se julgo que a cera existe, pelo fato de que a toco, seguir-se-á ainda a mesma coisa, ou seja, que eu sou; e se o julgo porque minha imaginação disso me persuade, ou por qualquer outra causa que seja, concluirei sempre a mesma coisa. **E o que notei aqui a respeito da cera pode aplicar-se a todas as outras coisas que me são exteriores e que se encontram fora de mim.**

17. Ora, se a noção ou conhecimento da cera parece ser mais nítido e mais distinto após ter sido descoberto não somente pela visão ou pelo tato, mas ainda por muitas outras causas, com quão maior evidência, distinção e nitidez não deverei eu conhecer-me³⁵, posto que todas as razões que servem para conhecer e conceber a natureza da cera, ou qualquer outro corpo, **provam muito mais fácil e evidentemente a natureza de meu espírito? E encontram-se ainda tantas outras coisas no próprio espírito que podem contribuir ao esclarecimento de sua natureza, que aquelas que dependem do corpo (como esta) não merecem quase ser enumeradas.**

18. Mas, enfim, eis que insensivelmente cheguei aonde queria; pois, já que é coisa presentemente conhecida por mim que, propriamente falando, só concebemos os corpos pela **faculdade de entender em nós existente** e não pela imaginação nem pelos sentidos, e que não os conhecemos pelo fato de vê-los ou de tocá-las, **mas somente por concebê-los pelo pensamento, reconheço com evidência que nada há que me seja mais fácil de conhecer do que meu espírito.** Mas, posto que é quase impossível desfazer-se tão prontamente de uma antiga opinião, será bom que eu me detenha um pouco neste ponto, a fim de que, pela amplitude de minha meditação, eu imprima mais profundamente em minha memória este novo conhecimento.

¹ A primeira Meditação tem como peculiaridade o fato de não se tratar aí de “estabelecer verdade alguma, mas apenas de me desfazer desses antigos prejuízos”. (Sétimas Respostas.)

Sua composição é a seguinte:

§§ 1-3: o princípio da dúvida hiperbólica;

§§ 3-13: argumentos que estendem e radicalizam a dúvida.

(§ 3): argumento dos erros dos sentidos; (§§ 4-9): argumento do sonho;

(§§ 9-13): argumento que estende a dúvida ao valor objetivo das essências matemáticas, em duas etapas: o Deus enganador; o Gênio Maligno.

² A dúvida assim posta em ação: a) distinguir-se-á da dúvida vulgar pelo fato de ser engendrada não por experiência, mas por uma decisão; b) será “hiperbólica”, isto é, sistemática e generalizada; c) consistirá, pois, em tratar como falso o que é apenas duvidoso, como sempre enganador o que alguma vez me enganou.

³ Argumento do erro do sentido, primeiro grau da dúvida. É insuficiente para nos fazer duvidar sistematicamente de nossas percepções sensíveis.

⁴ Aqui começa o argumento do sonho, segundo grau da dúvida, que irá estendê-la a todo conhecimento sensível, ou pelo menos a seu conteúdo.

⁵ O segundo argumento encontra, pois, o seu limite: ele não me permite pôr em dúvida os componentes de minhas percepções, a saber, as “naturezas simples”, indecomponíveis (figura, quantidade, espaço, tempo), que são o objeto da Matemática. Tais elementos “escapam, contrariamente aos objetos sensíveis, a todas as razões naturais de duvidar”: sublinha Guérout, apoiando-se no texto da Meditação Quinta: “A natureza de meu espírito é tal que eu não me poderia impedir de julgá-las verdadeiras enquanto as concebo clara e distintamente”. Daí a necessidade de recorrer ao terceiro argumento que abalará esta certeza “natural”.

⁶ Essa “opinião” é sustentada pelos teólogos das Segundas Objeções: Deus, dada sua onipotência, pode nos enganar. Não é o parecer de Descartes: o engano em Deus constituiria não só um sinal de malignidade, mas de não-ser. (Col. com Burman.) Isso redundaria em afirmar o valor tão somente metodológico dessa suposição antinatural.

⁷ A consideração da bondade, por si só, não basta para invalidar a suposição. Cf. a nota precedente.

⁸ A dúvida é agora universalizada.

⁹ A função do Deus enganador e do Gênio Maligno é a mesma: porém o Gênio Maligno é um artifício psicológico que, impressionando mais a minha imaginação, levar-me-á a tomar a dúvida mais a sério e a inscrevê-la melhor em minha memória (“é preciso ainda que cuide de lembrar-me dela”).

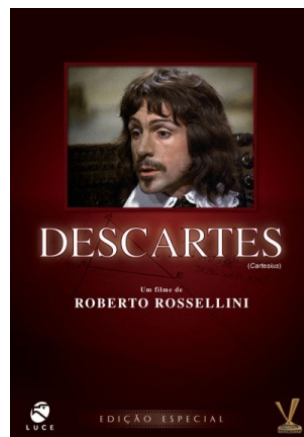
Vídeo/internet



- **Filosofia da Educação – Descartes – Univesp TV**
Vídeo didático, bem-humorado, que explica a obra e a vida do filósofo.

<https://goo.gl/P081a>

Filme/Cinema



- **Descartes (1974)**
Direção: Roberto Rossellini
Rossellini extrai trechos inteiros de algumas das obras fundamentais do pensador, como *O Discurso do Método* (1637) e as *Meditações Metafísicas* (1641), para compor as ações “dramáticas” do personagem. São procedimentos teóricos de Descartes, cuja função seria fundar a autonomia do pensamento racional diante da fé. Vale dizer que, naquela época, toda *démarche* racionalista tinha de ser, também, uma negociação com a autoridade religiosa. Onde, nas *Meditações*, Descartes precisar, primeiro, ocupar-se das provas da existência de Deus, para apenas depois afirmar que o Cogito (a Razão) se sustenta por si só. “Eu sou, eu existo”, deduz, pelo simples fato de pensar. A conclusão entrou para a história do conhecimento como a frase famosa “Penso, logo existo”.

<https://goo.gl/4DnN8W>

Televisão/Filosofia



<https://globo.globo.com/pt/3p/1KE>

■ Programa Ser ou não Ser – Fantástico – TV Globo
O vídeo apresenta algumas das principais ideias do filósofo, de modo didático e claro.

Áudio/Internet



<https://globo.com/2006/01/01>

■ Áudio de Mário Sérgio Cortella sobre a filosofia de René Descartes.

Vídeo/Internet



<https://globo.com/2006/01/01>

■ Philosophy – René Descartes
Canal: The School of Life
Vídeo animado, didático e esclarecedor sobre as principais ideias de Descartes.

- ¹⁰ Esta insistência na dificuldade de exercer uma dúvida tão radical não é enfática; quanto mais a dúvida for vivida como radical, mais as certezas que se impuserem, em seguida, se apresentarão como inabaláveis. Tomar a dúvida levemente é expor-se a nada compreender da sequência das Meditações. A este propósito, cf. 203. - “Não há erro mais grave”, diz Alain, “do que julgar que esta dúvida é fingida. Não há também erro mais comum, porque poucos homens jogam este jogo seriamente.”
- ¹¹ Plano da Meditação:
A) §§ 1-9: da natureza do espírito humano...:
§§ 1-4: conquista da primeira certeza:
(§ § 1- 3): procura de uma primeira certeza;
(§ 4): “Eu sou, eu existo”;
§§ 5-9: reflexão sobre esta primeira certeza e conquista da segunda:
(§ § 5-8): quem sou eu, eu que estou certo que sou? Uma coisa pensante. Determinação da essência do Eu;
(§ 9): descrição da “coisa pensante” e distinção entre o pensamento (atributo principal desta substância) e suas outras faculdades;
B) §§ 10-18: ... e de como ele é mais fácil de conhecer do que o corpo:
Contraprova da segunda certeza (o pedaço de cera) e conquista da terceira certeza.
- ¹² A primeira certeza adquirida não será, pois, a mais alta; deve apenas inaugurar a cadeia das razões.
- ¹³ Retomemos o raciocínio. No ponto em que estou, não poderia eu ter a certeza da existência de algum Deus? Não, nada o exige (e um dos princípios da análise dos géometras é o de não remontar a uma verdade superior àquela com que posso me contentar). Irei invocar a certeza de minha existência como indivíduo, sujeito concreto? Não, nada o permite. visto que pus em dúvida a existência de tudo o que há “no mundo”... Mas cuidado! A “hesitação” aqui é ditada pelo medo de uma confusão: fiel à regra da dúvida, não tenho motivo de abrir exceção em favor do homem concreto que sou; mas, alguém deste, há algo que irá resistir à dúvida. E doravante o Eu não será mais este Eu de chambre e ao pé do fogo que a Primeira Meditação evocava (como indica Goldschmidt, Congresso Descartes de Royaumont, p. 53).
- ¹⁴ Essa frase evidencia bem o papel do “Grande Embusteiro”: impor a meus pensamentos uma prova de tal ordem que aquele que lhe resistir seja, quando não garantido como verdadeiro (é impossível antes da prova da existência de Deus), pelo menos recebido como certo. Se não fosse arrancado, extorquido ao Gênio Maligno, o Cogito não passaria de uma banalidade. Sobre a originalidade do Cogito, cf. o fim do opúsculo de Pascal: *De l’Esprit Géométrique*.
- ¹⁵ O fim da frase indica que ela só é verdadeira cada vez que penso nela atualmente. É também uma transição, pois permitirá responder à pergunta que agora haverá de colocar-se: qual é a natureza deste Eu - existente que acabo de afirmar?
- ¹⁶ Eu não conheço, ainda, o conteúdo desta existência que acabo de afirmar. Importa, pois, encontrá-lo pela exclusiva análise dos dados do problema, isto é, por determinação, levando em conta tudo o que é dado, mas excluindo tudo o que não o é (a referência à Regra XII é aqui indispensável). Notar a frase “é preciso que eu atente com todo cuidado para não tomar imprudentemente alguma outra coisa por mim”, que seria absurdo no plano da Psicologia e que se justifica apenas ao nível de uma Álgebra das noções, comparável à “Álgebra dos comprimentos” das *Regulae*.
- ¹⁷ Sobre este método de determinação do problema por segregação, cf. o diálogo: *Recherche de La Vérité* (Pléiade, págs. 892-94). Ao interlocutor aturdido que acaba de responder: “Diria, portanto, que sou um homem”, o cartesiano replica: “Não prestais atenção ao que perguntei e a resposta que apresentais, embora vos pareça simples, lançar-vos-ia em questões muito árduas e muito embaraçosas, se eu quisesse apertá-las por menos que seja... Não entendestes bem a minha pergunta e respondeis a mais coisas do que vos perguntei... Dizei-me, pois, o que sois propriamente, na medida em que duvidais”
- ¹⁸ Cf. Respostas, 508.
- ¹⁹ Este conhecimento “natural” que eu tenho de mim mesmo antes da prova da dúvida será inteiramente falso? Não. Se a alma é concebida à maneira dos escolásticos, em troca a distinção entre o corpo e o espírito (indispensável à Física) está aí presente, mas a título de opinião provável, sem fundamento. Cf. Respostas, 204.
- ²⁰ Mudança de plano. Do pensamento inspirado por “minha natureza” passamos à só ideia de mim mesmo compatível com a instauração da dúvida, da indeterminação psicológica à determinação metafísica.
- ²¹ Entre todas as faculdades: 1) do corpo - 2) da alma, uma só, o pensamento, resiste à exclusão. Vemos aqui a importância do fim do § 4: “Esta proposição – eu sou, eu existo – é necessariamente verdadeira sempre que eu a pronuncio ou que eu a concebo em meu espírito”. E ao refletir sobre esta inseparabilidade – único dado que se encontra em minha posse – que obtenho imediatamente a natureza “daquilo que sou”. Trata-se da primeira verdade da cadeia de razões.
- ²² “Anteriormente”, isto é, no plano em que nos colocava o parágrafo precedente, eu podia proferir estas palavras, mas sem lhes ter determinado o sentido, portanto sem conhecê-lo.

- ²³ Sobre o fim desse parágrafo, cf. 505 e segs. Não há necessidade alguma de ir procurar em outra parte uma resposta, visto que dei a única resposta que respeitava os dados do problema: “Eu sou uma coisa que pensa”. Mas “o homem natural” sente-se tentado a recorrer à imaginação a fim de completar esta resposta. Há nisso uma inclinação que o parágrafo seguinte irá desenraizar.
- ²⁴ O contraditor que retorquisse haver talvez em mim alguma outra faculdade desconhecida situar-se-ia no plano da Psicologia e não das razões metafísicas. Um dos princípios da análise é que não tenho o direito de arguir propriedades ainda desconhecidas para combater as que se acham agora estabelecidas.
- ²⁵ Em virtude desse princípio, não me é dado absolutamente o direito de recorrer à imaginação, pois “tudo quanto posso compreender por seu meio” foi excluído pela dúvida. Por aí eu sei, ao mesmo tempo, que minha natureza é puro pensamento exclusivo de todo elemento corporal. E a segunda verdade, a qual não se deve confundir com a distinção real entre a alma e o corpo, estabelecida somente na Meditação Sexta. Cf. 5 10.
- ²⁶ Cumpre observar a diferença relativamente à definição do § 7: “Isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão”. Aí se determinava a essência da substância “coisa pensante”; aqui ela é descrita revestida de seus diferentes modos. Desse novo ponto de vista, reintegra-se na “coisa pensante” o que fora excluído de sua essência. Todos esses modos (imaginar, sentir, querer), embora não pertençam à minha natureza, não podem ser postos em dúvida, na medida em que se beneficiam da certeza do *Cogito*.
- ²⁷ A saber, um pensamento: a) distinto dos corpos se os houver; b) distinto das faculdades não propriamente intelectuais, como a imaginação, que só pertencem porque implicam este pensamento puro.
- ²⁸ Novo assalto do pensamento imaginativo inerente à “minha natureza” e do qual não posso ainda me desprender: estou convencido, mas não persuadido. Daí a necessidade de uma contraprova que servirá para estabelecer a terceira verdade. Todas as figuras de retórica das *Meditações*, esta integra-se na ordem.
- ²⁹ Em outros termos: façamos de conta que interrompemos a ordem a fim de seguir o senso comum em seu próprio terreno. Sobre o fato de ser esta transgressão apenas aparente, cf. o importantíssimo § 5 15 das Respostas.
- ³⁰ Raciocínio em duas partes: 1.º o que me permite reconhecer a mesma cera é sua identidade na medida em que a cera é coisa extensa; 2.º Mas este conteúdo só pode ser ideia e não imagem da extensão que o corpo ocupa atualmente ou daquelas (em número finito) que poderia ocupar em seguida. Cf. Quintas Respostas: “As faculdades de entender e de imaginar diferem não só segundo o mais e o menos, porém como duas maneiras de agir totalmente diferentes”.
- ³¹ Por onde fica provado não só que a imaginação não pode me dar a conhecer a natureza dos corpos que se lhe apresentam (o que era o objetivo da contraprova), mas ainda que o pensamento puro é o único capaz de fazê-lo.
- ³² Cf. 513, onde Descartes se defende de ter pretendido “abstrair o conceito da cera de seus acidentes”. “Os acidentes são contingentes em relação à substância, mas não a accidental idade”, especifica Guérout. (Descartes, I, pág. 56.)
- ³³ Tal é o sentido exato do “pedaço de cera”: eu nada posso conhecer através da percepção ou da imaginação sem compreender (ou reconhecer), através do pensamento, a essência da coisa. Tenho ou não razão de reconhecer esta essência? Não sei ainda. Pois não se trata aqui de saber se eu disponho efetivamente do conhecimento da essência do corpo, mas de saber em quais condições posso estar seguro de possuir a ideia clara e distinta de corpo. Cf. Guérout, op. cit., pp. 144-45.
- ³⁴ Passamos, com este parágrafo, à confirmação da segunda verdade: quando percebo o pedaço de cera, seja compreendendo clara e distintamente sua natureza, seja apenas imaginando-o ou tocando-o, só uma coisa é certa, no ponto em que me encontro. É que eu penso percebê-lo... Mostrando que este “pensamento” era indispensável ao conhecimento da coisa, a análise precedente deu confirmação a esta verdade.
- ³⁵ É a terceira verdade: o espírito é mais fácil de conhecer do que o corpo. Com efeito, obtenho imediatamente o conhecimento da existência e da natureza de meu espírito, ao passo que o meu pensamento me proporciona apenas a ideia clara e distinta dos corpos cuja existência ainda é problemática. Guérout comenta: “Quando Descartes declara que o conhecimento da alma é o mais fácil dos conhecimentos, quer dizer que é a mais fácil das verdades científicas e o primeiro dos conhecimentos na ordem da ciência. Não quer dizer que a ciência é mais fácil do que o conhecimento vulgar. A passagem do senso comum à ciência é, com efeito, a mais difícil das ascensões”. (Op. cit., p. 128.)

A large, light orange rounded rectangle occupies the central portion of the page. It contains 30 horizontal black lines, evenly spaced, providing a writing area for the student.

■ TEXTO 3 – INVESTIGAÇÃO ACERCA DO ENTENDIMENTO HUMANO

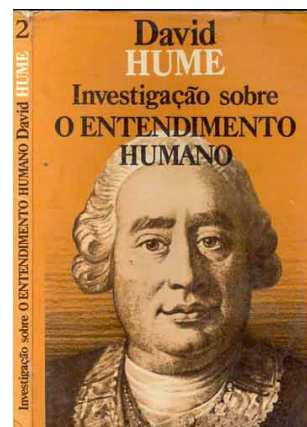
David Hume. In: Coleção *Os Pensadores*, pp.59-64.

Seção V – Solução cética destas dúvidas

PRIMEIRA PARTE

Tanto a paixão filosófica como a paixão religiosa parecem expostas — embora procurem extirpar nossos vícios e corrigir nossos hábitos — ao inconveniente, quando manejadas com imprudência, de servirem apenas para encorajar uma inclinação predominante e conduzir o espírito resolutamente na direção que previamente mais o atraia, devido às tendências e inclinações do temperamento natural. Certamente, enquanto aspiramos à magnânima firmeza do saber filosófico e tentamos encerrar nossos prazeres nos limites de nosso próprio espírito, podemos, finalmente, tornar nossa filosofia, como aquela de Epicteto e outros estoicos, num sistema mais refinado de egoísmo e persuadir-nos racionalmente de nos desligar de toda virtude como também de todos os prazeres sociais. Enquanto refletimos a propósito da vaidade da vida humana e pensamos na natureza fútil e transitória das riquezas e das honras, estamos, talvez, durante todo este tempo, lisonjeando nossa indolência natural que, por aversão à azáfama do mundo e à fadiga dos negócios, procura um pretexto racional para entregar-se completa e livremente à preguiça. Há, contudo, uma corrente filosófica que parece menos exposta a este inconveniente, pois ela não se liga a nenhuma paixão desordenada do espírito e nem se alia a qualquer tendência ou propensão natural: é a filosofia acadêmica ou cética. Os acadêmicos falam sempre da dúvida e da suspensão do juízo, do risco das resoluções apressadas, em confinar as investigações do entendimento a estreitos limites e em renunciar a todas as especulações que transbordam as fronteiras da vida e da prática cotidianas. Nada, por conseguinte, pode ser mais contrário a tal filosofia do que a indolente letargia do espírito, sua atrevida arrogância, suas elevadas pretensões e sua credulidade supersticiosa. Toda paixão é mortificada por ela, exceto o amor à verdade; e esta paixão não é jamais, nem pode ser, elevada a um grau demasiado alto. É surpreendente, todavia, que esta filosofia, que em quase todos os aspectos deve ser inofensiva e inocente, seja o objeto de tantas acusações e de tantas censuras infundadas. Mas, talvez, a própria circunstância que a torna tão inocente seja justamente o que a expõe ao ódio e ao ressentimento públicos. Porque ela não adula nenhuma paixão desordenada, não obtém muitos adeptos; porque ela se opõe a tantos vícios e tantas tolices, levanta contra si um grande número de adversários, que a estigmatizam como profana, libertina e irreligiosa.

Filosofia



■ *Investigação Acerca do Entendimento Humano* é um livro de epistemologia (Teoria do conhecimento) do filósofo escocês David Hume, publicado em 1748. Nele, Hume apresenta sua teoria empirista e a valorização ao ceticismo.



■ *Epicteto* (55d.C.-135 d.C.) Foi um filósofo grego estoico que viveu a maior parte de sua vida em Roma, como escravo, durante o governo de Nero.

Vocabulário

Estoicos: filosofia helenística que pregava a virtude e a razão como guia para uma vida feliz e sem perturbações.

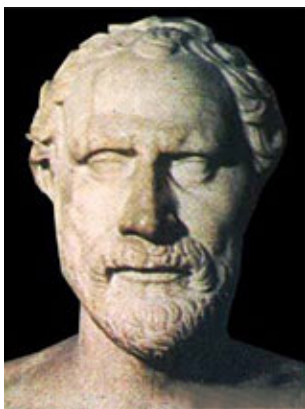
Azáfama: excesso de pressa, afobação na realização de algum trabalho.

Fadiga: sensação de enfraquecimento resultante de esforço físico ou mental.

Ceticismo: doutrina segundo a qual o espírito humano não pode atingir nenhuma certeza a respeito da verdade.

Empirismo: doutrina segundo a qual todo conhecimento provém unicamente da experiência, limitando-se ao que pode ser captado do mundo externo, pelos sentidos.

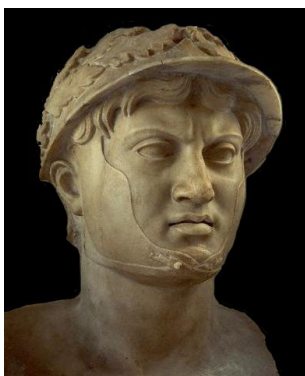
Filosofia



<https://goo.gl/7Ubc1H>

■ Pirro de Élis (360-270 a.C.)
Filósofo grego nascido em Élis. É considerado o primeiro filósofo céptico e fundador do pirronismo, corrente que assegurava a impossibilidade do conhecimento sobre qualquer coisa.

História



<https://goo.gl/Wss3to>

■ Não confundir o Pirro céptico com o Pirro rei de Épiro e da Macedônia, conhecido pela expressão “vitória de Pirro” utilizada para se referir a uma vitória obtida a alto preço.

Não temos necessidade de recear que esta filosofia, enquanto trata de limitar nossas investigações à vida diária, solape os raciocínios da vida diária e estenda suas dúvidas até o ponto de destruir toda ação como também toda especulação. **A natureza manterá eternamente seus direitos e prevalecerá sobre todos os raciocínios abstratos.**¹ Embora devêssemos concluir, a exemplo da seção anterior, que em todos os raciocínios derivados da **experiência** o espírito avança sem apoiar-se em argumentos ou processo do entendimento, não há perigo que estes raciocínios, dos quais depende quase todo conhecimento, sejam afetados por tal descoberta. Se o espírito não é levado a dar este passo por um argumento, deve ser persuadido por outro princípio de igual peso e autoridade; e este princípio manterá sua influência contanto que a natureza humana permaneça invariável. Vale a pena investigar qual é a natureza deste princípio.

Suponde que um homem, dotado das mais poderosas faculdades racionais, seja repentinamente transportado para este mundo; certamente, notaria de imediato a existência de uma contínua sucessão de objetos e um evento acompanhado por outro, mas seria incapaz de descobrir algo a mais. De início, não seria capaz, mediante nenhum raciocínio, de chegar à ideia de causa e efeito, visto que os poderes particulares que realizam todas as operações naturais jamais se revelam aos sentidos; nem é razoável concluir, apenas porque um evento em determinado caso precede outro, que um é a causa e o outro, o efeito. Esta conjunção pode ser arbitrária e acidental. Não há base racional para inferir a existência de um pelo aparecimento do outro. **E, numa palavra, aquele homem, desprovido de experiência, jamais poderia conjecturar ou raciocinar sobre qualquer questão de fato, nem teria segurança de algo que não estivesse imediatamente presente à sua memória ou aos seus sentidos.**

Suponde de novo que o mesmo homem tenha adquirido mais experiência e que tenha vivido o suficiente no mundo para observar que os objetos ou eventos familiares **estão constantemente ligados**; qual é a consequência desta experiência? Imediatamente infere a existência de um objeto pelo aparecimento do outro. Entretanto, não adquiriu, com toda a sua experiência, nenhuma ideia ou conhecimento do poder oculto, mediante o qual um dos objetos produziu o outro; e não será um processo do raciocínio que o obriga a tirar esta inferência. Mas ele se encontra determinado a tirá-la; e mesmo se ele fosse persuadido de que seu entendimento não participa da operação, continuaria pensando o mesmo, porquanto há um outro princípio que o determina a tirar semelhante conclusão.

Este princípio é o costume ou o hábito. Visto que todas as vezes que a repetição de um ato ou de uma determinada operação produz uma propensão a renovar o mesmo ato ou a mesma operação, sem ser impelida por nenhum raciocínio ou processo do entendimento, dizemos sempre que esta

propensão é o efeito do costume. Utilizando este termo, não supomos ter dado a razão última de tal propensão. Indicamos apenas um princípio da natureza humana, que é universalmente reconhecido e bem conhecido por seus efeitos. Talvez não possamos levar nossas investigações mais longe e nem aspiramos dar a causa desta causa; porém, devemos contentar-nos com que o costume é o último princípio que podemos assinalar em todas as nossas conclusões derivadas da experiência. Já é, contudo, satisfação suficiente poder chegar até aqui sem irritar-nos com nossas estreitas faculdades, estreitas porque não nos levam mais adiante. Certamente, temos aqui ao menos uma proposição bem inteligível, senão uma verdade, quando afirmamos que, depois da conjunção constante de dois objetos, por exemplo, calor e chama, peso e solidez, **unicamente o costume nos determina a esperar um devido ao aparecimento do outro**. Parece que esta hipótese é a única que explica a dificuldade que temos de, em mil casos, tirar uma conclusão que não somos capazes de tirar de um só caso, que não discrepa em nenhum aspecto dos outros. A razão não é capaz de semelhante variação. As conclusões tiradas por ela, ao considerar um círculo, são as mesmas que formaria examinando todos os círculos do universo. Mas ninguém, tendo visto somente um corpo se mover depois de ter sido impulsionado por outro, poderia inferir que todos os demais corpos se moveriam depois de receberem impulso igual. **Portanto, todas as inferências tiradas da experiência são efeitos do costume e não do raciocínio.**²

O costume é, pois, o grande guia da vida humana. E o único princípio que torna útil nossa experiência e nos faz esperar, no futuro, uma série de eventos semelhantes àqueles que apareceram no passado. Sem a influência do costume, ignoraríamos completamente toda questão de fato que está fora do alcance dos dados imediatos da memória e dos sentidos. Nunca poderíamos saber como ajustar os meios em função dos fins, nem como empregar nossas faculdades naturais para a produção de um efeito. Seria, ao mesmo tempo, o fim de toda ação como também de quase toda especulação.³

Mas aqui deve ser conveniente notar que, embora nossas conclusões derivadas da experiência nos levem além de nossa memória e de nossos sentidos e nos assegurem da realidade de fatos que ocorreram em lugares mais distantes e em épocas remotas, é necessário que um fato esteja sempre presente aos sentidos e à memória, do qual podemos de início partir para tirar essas conclusões. Se um homem encontrasse num país deserto os remanescentes de edifícios suntuosos, concluiria que o país, em tempos remotos, tinha sido cultivado por habitantes civilizados; mas, se nada desta natureza lhe ocorresse, jamais poderia chegar a semelhante inferência. **Pela história, conhecemos os eventos de épocas passadas; todavia, devemos prosseguir consultando os livros que contêm estes ensinamentos e, a partir daí, remontar nossas inferências de um testemunho a outro até chegar às testemunhas oculares**

Filosofia

“(...) de sua postura cética, a filosofia se pode pensar sob o prisma da comunicação, da conversa, do diálogo, do consenso e ... da relatividade.

E, assim pensada, pode contribuir – e muito – para favorecer o entendimento entre os homens: tendo destruído as suas verdades, ela poderá eventualmente ensiná-los a conviver com suas diferenças”.

PORCHAT PEREIRA,
Oswaldo. *Vida comum e ceticismo*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 252.

Vocabulário

Método dedutivo (dedução):

raciocínio lógico que faz uso da dedução para obter uma conclusão a respeito de determinada premissa. Ex.: $A=B$; $b=C$; logo, por dedução lógica e racional, $A=C$.

Inferência: operação intelectual mediante a qual se afirma a verdade de uma proposição em decorrência de sua ligação com outras proposições já reconhecidas como verdadeiras. Nesse sentido, inferir é o mesmo que deduzir.

Método indutivo (indução):

raciocínio que, após considerar um número suficiente de casos particulares, conclui uma verdade geral. Ex.: experiências científicas.

Costumes: são a maneira cultural de uma sociedade manifestar-se. A partir da repetição, constituem regras que, embora não escritas como as leis, tornam-se observáveis pela própria constituição de fato da vida social.

Hábito: ação que se repete com frequência e regularidade; comportamento que alguém aprende e repete frequentemente.

Vídeo/Internet



Philosophy – David Hume
The School of Life

<https://goo.gl/1vYXcb>

Vídeo/ Internet



David Hume
Unboxing Philosophy

<https://goo.gl/1vYXcb>

e aos espectadores desses eventos remotos. Numa palavra, se não partirmos de um fato presente à memória ou aos sentidos, nossos raciocínios serão puramente hipotéticos; e seja qual for o modo como estes elos particulares estejam ligados entre si, toda a cadeia de inferência não teria nada que lhe servisse de apoio e jamais por meio dela poderíamos chegar ao conhecimento de uma existência real. Se vos perguntasse por que acreditais em determinado fato que relatais, deveis indicar-me alguma razão; e esta razão será um outro fato em conexão com o primeiro. Entretanto, como não podeis proceder desta maneira *in infinitum*, deveis finalmente terminar por um fato presente a vossa memória ou aos vossos sentidos, ou deveis admitir que vossa crença é inteiramente sem fundamento.

Qual é, portanto, a conclusão de toda a questão? É simples; no entanto, deve-se confessar que ela se acha muito distante das teorias filosóficas correntes. Toda crença, em matéria de fato e de existência real, procede unicamente de um objeto presente à memória ou aos sentidos e de uma conjunção costumeira entre esse e algum outro objeto. Ou, em outras palavras, como o espírito tem encontrado em numerosos casos que dois gêneros quaisquer de objetos — a chama e o calor, a neve e o frio — sempre têm estado em conjunção, se, de novo, a chama ou a neve se apresentassem aos sentidos, o espírito é levado pelo costume a esperar calor ou frio, e a acreditar que esta qualidade existe realmente e que se manifestaria se estivesse mais próxima de nós.⁴ Esta crença é o resultado necessário de colocar o espírito em determinadas circunstâncias. É uma operação da alma tão inevitável como quando nos encontramos em determinada situação para sentir a paixão do amor quando recebemos benefícios; ou a de ódio quando nos defrontamos com injustiças. Todas estas operações são uma espécie de instinto natural que nenhum raciocínio ou processo do pensamento e do entendimento é capaz de produzir ou de impedir.⁵

A esta altura, poderíamos perfeitamente terminar nossas pesquisas filosóficas. Na maioria dos problemas jamais poderíamos adiantar um único passo; e em todas as questões deveríamos terminar aqui, depois das mais incessantes e curiosas investigações. Mas ainda nossa curiosidade será perdoável, talvez digna de elogio, se nos levar a investigações mais avançadas e nos fizer examinar com maior exatidão a natureza desta crença e desta conjunção costumeira, isto é, de onde ela procede. Por este meio podemos encontrar explicações e analogias que satisfarão, ao menos, àqueles que amam as ciências abstratas e se contentam com especulações que, por mais rigorosas que sejam, ainda podem conservar certo grau de dúvida e de incerteza. Quanto aos leitores de gosto diverso, o resto desta seção não lhes é destinada, e, se eles não a lerem, ainda assim podem compreender perfeitamente as investigações posteriores.

¹ A filosofia acadêmica ou cética designa a forma de filosofia da última Academia, que floresceu a partir do século IV a.C. Hume a distingue do ceticismo pirrônico (veja-se seção XII), que é extremo e, segundo ele, um tipo de dogmatismo negativista, pois, embora todos os argumentos racionais se mostrem defeituosos e inconclusos, o homem deve decidir e tomar posição na vida prática. Os escritos filosóficos de Cícero, profundamente marcados por esse tipo de ensino, exerceram considerável influência na educação da maioria dos filósofos modernos, especialmente de Locke, Berkeley e Hume. (Veja-se de Hume, *An Inquiry concerning Human Understanding*, ed. Hendel, Liberal Arts, 1955, p. 54, nota 1) [N. do T.]

² Nada é mais útil aos escritores, mesmo os que escrevem a respeito de temas morais, políticos ou físicos, do que distinguir entre a razão e a experiência e supor que estas classes de argumentação são inteiramente diferentes entre si. As primeiras são consideradas meros resultados de nossas faculdades intelectuais, as quais, ao considerarmos *a priori* a natureza das coisas e examinarmos os efeitos, que devem resultar de sua operação, estabelecem princípios particulares à ciência e à filosofia. As últimas são supostas derivar inteiramente dos sentidos e da observação, por meio dos quais sabemos o que é que resultou de fato da operação de objetos particulares e assim somos capazes de inferir o que resultará deles no futuro. Assim, por exemplo, as limitações e restrições do governo civil e de sua constituição legal podem ser defendidas tanto mediante a razão, que refletindo sobre a debilidade e corrupção da natureza humana nos ensina que a nenhum homem se pode confiar uma autoridade ilimitada, como mediante a experiência e a história, que nos informam dos enormes abusos que a ambição tem cometido em toda época e país, devido a uma confiança tão imprudente.

A mesma distinção entre razão e experiência se verifica em todas as nossas deliberações acerca da conduta na vida. Deste modo, o estadista, o general, o médico e o mercador experientes são seguidos e inspiram confiança, enquanto o novato inexperiente é, por mais bem-dotado de talentos naturais, desprezado e desconsiderado. Embora se admita que a razão pode formular conjeturas mais plausíveis sobre determinada conduta em determinadas condições, supõe-se, todavia, que ela é imperfeita sem o auxílio da experiência, pois esta é a única via capaz de conferir estabilidade e certeza às máximas deduzidas mediante estudo e reflexão.

Apesar da aceitação universal desta distinção, tanto nas etapas da vida ativa como especulativa, não terei escrúpulos em afirmar que é uma atitude errônea ou, ao menos, superficial.

Se examinarmos os argumentos em uma das ciências acima mencionadas e supormos que eles são meros efeitos do raciocínio e da reflexão, verificaremos que terminam pelo menos em alguma conclusão ou princípio geral, aos quais não podemos alegar outra razão a não ser a observação e a experiência. A única diferença entre as máximas racionais e experimentais (estas vulgarmente consideradas resultantes da mera experiência) consiste em que as primeiras não podem ser estabelecidas sem algum processo do pensamento e alguma reflexão sobre o que foi observado, a fim de distinguir suas circunstâncias e traçar suas consequências; nas máximas experimentais, o evento experienciado é exata e completamente similar ao que inferimos como resultado de uma situação particular qualquer. A história de um Nero ou de um Tibério nos levaria a temer semelhante tirania se nossos monarcas estivessem livres das restrições do Senado e da Lei. Mas a constatação de qualquer fraude ou crueldade na vida privada é suficiente, com o auxílio de alguma experiência, para alertar-nos do mesmo temor, porque serve de exemplo da corrupção geral da natureza humana e nos mostra o perigo que poderíamos correr se depositássemos inteira confiança na humanidade.

Nos dois casos a experiência é, em última análise, o fundamento de nossa inferência e conclusão.

Não há homem tão jovem e inexperiente que não tenha formado muitos e corretos princípios sobre os assuntos humanos e a conduta na vida. Mas é preciso admitir que, quando um homem procura exercê-los, está mais propenso a errar, até que o tempo e experiências ulteriores lhe ampliem estes princípios e lhe ensinem seu uso adequado e aplicação. Em toda situação ou incidente há várias circunstâncias particulares, aparentemente sem importância, que o homem mais bem-dotado está inclinado a princípio a desdenhar, embora dependam delas a exatidão de suas conclusões e, por conseguinte, a prudência de sua conduta. Sem mencionar que, para um jovem principiante, os princípios e as operações gerais nem sempre se manifestam em ocasiões adequadas e nem podem ser imediatamente aplicados com a devida calma e distinção. A verdade é que um homem que raciocina sem experiência não poderia raciocinar se olvidasse inteiramente a experiência; quando designamos alguém com esta característica, fazemo-lo somente em sentido comparativo e supomos que possui experiência em grau mais ou menos imperfeito (Hume).

³ Em outra passagem desta Investigação, Hume manifesta a esperança de que ‘a filosofia, se cuidadosamente cultivada e encorajada pela atenção do público, possa levar suas indagações ainda mais longe (isto é, da geografia mental) e descubra, pelo menos em parte, as fontes e os princípios secretos que impulsionam o espírito humano em suas operações (seção I, p. 68). A descoberta da função indispensável

Transversalidade:

Vamos falar sobre *Bullying*?
Explicitá-lo? Denunciá-lo?



<https://goo.gl/dx5Cz>

HUMANÍSTICA PROJETO VIDA

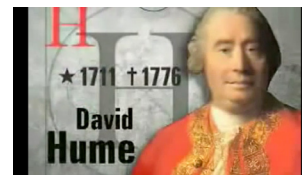
Você não está sozinho!

Vocabulário

Bullying: Termo da língua inglesa (*bully* = “valentão”) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder.

■ <http://brasilescola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>

Televisão/Internet



<https://goo.gl/YwW0FY>

■ Ser ou não ser – Fantástico – Rede Globo
Rótulos – A força do hábito

do costume em todo conhecimento da experiência pode ser, talvez, classificada como o avanço mais significativo naquela direção. (Veja-se Flew, ob. cit., p. 77.) [N. do T.]

⁴ O costume é, portanto, o fator que nos faculta a antecipar que o futuro será semelhante ao passado e nos leva a inferir de uma causa presente um efeito ausente. O costume compreende também mais alguma coisa. As ideias introduzidas por ele são inferências e não meras sugestões. A experiência que temos da conjunção constante entre, por exemplo, chama e calor, ou neve e frio, determina-nos, quando revemos a chama ou a neve, pelo “costume a esperar calor ou frio, e a acreditar que esta realidade existe realmente e que se manifestaria se estivesse mais próxima de nós”. Revela-se, assim, como o costume envolve e condiciona a crença. [N. do T.]

⁵ Hume escreve no Tratado que a “crença é mais propriamente um ato sensitivo do que um aspecto cogitativo de nossa natureza” (1, iV, 1, p. 183). [N. do T.]



ATIVIDADE 1

Responda às questões abaixo.

1. (UEL/2013-ADAPTADA) Leia o texto a seguir.

Hume considerou não haver nenhuma razão para supor que, dado o que se chama um “efeito”, deva haver uma causa invariavelmente unida a ele. Observamos sucessões de fenômenos: à noite sucede o dia, ao dia, a noite etc.; sempre que se solta um objeto, ele cai no chão etc. Diante da regularidade observada, concluímos que certos fenômenos são causas e outros, efeitos. Entretanto, podemos afirmar somente que um acontecimento sucede a outro – não podemos compreender que haja alguma força ou poder pelo qual opera a chamada “causa”, e não podemos compreender que haja alguma conexão necessária entre semelhante “causa” e seu suposto “efeito”.

■ FERRATER-MORA, J. *Dicionário de Filosofia*, Tomo I. São Paulo: Loyola, 2000, p.427.

Explicite a leitura que Hume faz do empirismo.

2. (UFU/2000-ADAPTADA) “O hábito é, pois, o grande guia da vida humana. É aquele princípio único que faz com que nossa experiência nos seja útil e nos leve a esperar, no futuro, uma sequência de acontecimentos semelhantes às que se verificaram no passado.

■ Hume. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 146.

Comente, acerca do conhecimento verdadeiro, a crítica que Hume fez aos limites da experiência sensível e ao princípio da causalidade vigente na filosofia moderna.

A large, light orange rounded rectangle occupies the central portion of the page. It contains 30 horizontal black lines, evenly spaced, providing a writing area for the student.

■ TEXTO 4 – QUE É ESCLARECIMENTO (AUFKLÄRUNG)? 1784

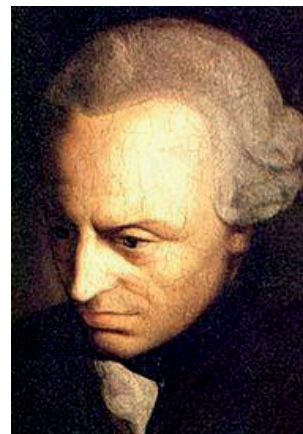
Immanuel Kant

Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* (Ouse saber!) Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento.

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha (*naturaliter maiores*), continuam, no entanto de bom grado menores durante toda a vida. São também as causas que explicam por que é tão fácil que os outros se constituam em tutores deles. É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito de minha dieta, etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis. **A imensa maioria da humanidade (inclusive todo o belo sexo) considera a passagem à maioridade difícil e além do mais perigosa, porque aqueles tutores de bom grado tomaram a seu cargo a supervisão dela.** Depois de terem primeiramente embrutecido seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranquilas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerraram, mostram-lhes, em seguida, o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas. Ora, este perigo na verdade não é tão grande, pois aprenderiam muito bem a andar finalmente, depois de algumas quedas. Basta um exemplo deste tipo para tornar tímido o indivíduo e atemorizá-lo em geral para não fazer outras tentativas no futuro.

É difícil, portanto, para um homem em particular desvencilhar-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder. **Preceitos e fórmulas, estes instrumentos mecânicos do uso racional, ou, antes, do abuso de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpétua menoridade.** Quem deles se livrasse só seria capaz de dar um salto inseguro mesmo sobre o mais estreito fosso, porque não está habituado a este movimento livre. Por isso são muito poucos aqueles que conseguiram, pela transformação do próprio espírito, emergir da menoridade e empreender então uma marcha segura.

Filosofia



- Immanuel Kant (1724-1804)
Foi um filósofo prussiano, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna.

Sapere aude!

Arte



- *O navio dos loucos* (1490-1500)
Autor: Hieronymus Bosch – óleo sobre madeira 58x33
Museu do Louvre, Paris
“O homem em sua menoridade”

Vocabulário

Esclarecimento: tradução para o conceito alemão *Aufklärung*, também traduzido como iluminismo, século das luzes, ilustração. Foi um movimento cultural da elite europeia no século 18.

Arte



■ *A liberdade guiando o povo* (1830)
 Autor: Eugène Delacroix
 Óleo sobre tela 260x325
 Louvre-Lens, Lens

“O homem em estado de maioria corta os fios invisíveis que o regem.”

Kant: Filosofia e Filosofar

“(…) não é possível aprender qualquer filosofia; (…) só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os”.

■ KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1980, p.407.

Que, porém, um público se esclareça a si mesmo é perfeitamente possível; mais que isso, se lhe for dada a liberdade, é quase inevitável. Pois, encontrar-se-ão sempre alguns indivíduos capazes de pensamento próprio, até entre os tutores estabelecidos da grande massa, que, depois de terem sacudido de si mesmos o jugo da menoridade, espalharão em redor de si o espírito de uma avaliação racional do próprio valor e da vocação de cada homem em pensar por si mesmo. O interessante nesse caso é que o público, que anteriormente foi conduzido por eles a este jugo, obriga-os daí em diante a permanecer sob ele, quando é levado a se rebelar por alguns de seus tutores que, eles mesmos, são incapazes de qualquer esclarecimento. Vê-se assim como é prejudicial plantar preconceitos, porque terminam por se vingar daqueles que foram seus autores ou predecessores destes. Por isso, um público só muito lentamente pode chegar ao esclarecimento. Uma revolução poderá talvez realizar a queda do despotismo pessoal ou da opressão ávida de lucros ou de domínios, porém nunca produzirá a verdadeira reforma do modo de pensar. Apenas novos preconceitos, assim como os velhos, servirão como cintas para conduzir a grande massa destituída de pensamento.

Para este **esclarecimento**, porém, nada mais se exige senão **LIBERDADE**. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um uso público de sua razão em todas as questões. Ouço, agora, porém, exclamar de todos os lados: *não raciocineis!* O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai-vos! O financista exclama: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede! (Um único senhor no mundo diz: *raciocinai*, tanto quanto quiserdes, e sobre o que quiserdes, *mas obedecei!*). **Eis aqui por toda a parte a limitação da liberdade. Que limitação, porém, impede o esclarecimento? Qual não o impede, e até mesmo favorece? Respondo: o uso público de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento entre os homens. O uso privado da razão pode, porém, muitas vezes, ser muito estreitamente limitado, sem contudo por isso impedir notavelmente o progresso do esclarecimento. Entendo, contudo, sob o nome de uso público de sua própria razão aquele que qualquer homem, enquanto **SÁBIO**, faz dela diante do grande público do mundo letrado.** Denomino uso privado aquele que o sábio pode fazer de sua razão em um certo cargo público ou função a ele confiado. Ora, para muitas profissões que se exercem no interesse da comunidade, é necessário um certo mecanismo, em virtude do qual alguns membros da comunidade devem comportar-se de modo exclusivamente passivo para serem conduzidos pelo governo, mediante uma unanimidade artificial, para finalidades públicas, ou pelo menos devem ser contidos para não destruir essa finalidade. Em casos tais, não é sem dúvida permitido raciocinar, mas

deve-se obedecer. Na medida, porém, em que esta parte da máquina se considera ao mesmo tempo membro de uma comunidade total, chegando até a sociedade constituída pelos cidadãos de todo o mundo, portanto na qualidade de sábio que se dirige a um público, por meio de obras escritas de acordo com seu próprio entendimento, pode certamente raciocinar, sem que por isso sofram os negócios a que ele está sujeito em parte como membro passivo. Assim, seria muito prejudicial se um oficial, a que seu superior deu uma ordem, quisesse pôr-se a raciocinar em voz alta no serviço a respeito da conveniência ou da utilidade dessa ordem. Deve obedecer. Mas, razoavelmente, não se lhe pode impedir, enquanto homem versado no assunto, fazer observações sobre os erros no serviço militar, e expor essas observações ao seu público, para que as julgue. O cidadão não se recusar a efetuar o pagamento dos impostos que sobre ele recaem; até mesmo a desaprovação impertinente dessas obrigações, se devem ser pagas por ele, pode ser castigada como um escândalo (que poderia causar uma desobediência geral). Exatamente, apesar disso, não age contrariamente ao dever de um cidadão se, como homem instruído, expõe publicamente suas ideias contra a inconveniência ou a injustiça dessas imposições. Do mesmo modo também o **sacerdote** está obrigado a fazer seu sermão aos discípulos do catecismo ou à comunidade, de conformidade com o credo da **Igreja** a que serve, pois foi admitido com esta condição. Mas, enquanto sábio, tem completa liberdade, e até mesmo o dever, de dar conhecimento ao público de todas as suas ideias, cuidadosamente examinadas e bem intencionadas, sobre o que há de errôneo naquele credo, e expor suas propostas no sentido da melhor instituição da essência da religião e da **Igreja**. Nada existe aqui que possa constituir um peso na consciência. Pois aquilo que ensina em decorrência de seu cargo como funcionário da Igreja, expõe-no como algo em relação ao qual não tem o livre poder de ensinar como melhor lhe pareça, mas está obrigado a expor segundo a prescrição de um outro e em nome deste. Poderá dizer: nossa igreja ensina isto ou aquilo; estes são os fundamentos comprobatórios de que ela se serve.

Tira então toda utilidade prática para sua comunidade de preceitos que ele mesmo não subscreveria, com inteira convicção, em cuja apresentação pode contudo se comprometer, porque não é de todo impossível que em seus enunciados a verdade esteja escondida. Em todo caso, porém, pelo menos nada deve ser encontrado aí que seja contraditório com a religião interior. Pois se acreditasse encontrar esta contradição não poderia em sua consciência desempenhar sua função, teria de renunciar. Por conseguinte, o uso que um professor empregado faz de sua razão diante de sua comunidade é unicamente um uso privado, porque é sempre um uso doméstico, por grande que seja a assembleia. Com

Vocabulário

Títere – Fantoche –

Marionete: boneco que se move por cordéis e engonços, imitando gestos humanos.



<https://goo.gl/EtEcn>

Religião

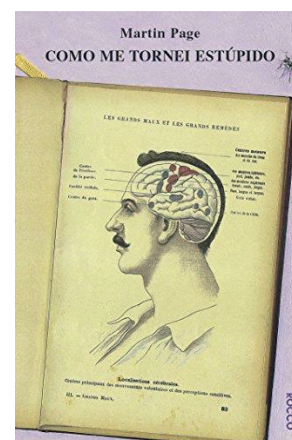
Assista ao vídeo



<https://goo.gl/EH5z00>

- A religião como controle social. "O homem em estado de menoridade".

Literatura



■ Como me Tornei Estúpido

Autor: Martin Page

Para o jovem Antoine, a inteligência e a consciência crítica se transformam em empecilhos para alcançar a felicidade na sociedade atual. Por isso, o anti-herói criado pelo autor francês decide investir na idiotice como forma de sobrevivência.

Poesia

Nós vos pedimos com insistência:
Nunca digam – Isso é natural
diante dos acontecimentos de cada dia.
Numa época em que reina a confusão,
em que escorre o sangue,
em que se ordena a desordem,
em que o arbítrio tem força de lei,
em que a humanidade se desumaniza...
Não digam nunca – Isso é natural!
Para que nada passe a ser imutável.

Eu peço com insistência
Não diga nunca – Isso é natural

Sob o familiar,
Descubra o insólito,
Sob o cotidiano, desvele o inexplicável.

Que tudo o que é considerado habitual
Provoque inquietação,
Na regra, descubra o abuso,
E sempre que o abuso for encontrado,
Encontre o remédio.



<https://foto.pt/SMML1x>

■ Bertolt Brecht (1898-1956)
"Maioridade humana"

relação a esse uso ele, enquanto padre, não é livre nem tem o direito de sê-lo, porque executa uma incumbência estranha. Já como sábio, ao contrário, que por meio de suas obras fala para o verdadeiro público, isto é, o mundo, o sacerdote, no uso público de sua razão, goza de ilimitada liberdade de fazer uso de sua própria razão e de falar em seu próprio nome. Pois o fato de os tutores do povo (nas coisas espirituais) deverem ser eles próprios menores constitui um absurdo que dá em resultado a perpetuação dos absurdos.

Mas não deveria uma sociedade de eclesiásticos, por exemplo, uma assembleia de clérigos, ou uma respeitável classe (como a si mesma se denomina entre os holandeses) estar autorizada, sob juramento, a comprometer-se com um certo credo invariável, a fim de por este modo de exercer uma incessante supertutela sobre cada um de seus membros e por meio dela sobre o povo, e até mesmo a perpetuar essa tutela? Isto é inteiramente impossível, digo eu. Tal contrato, que decidiria afastar para sempre todo ulterior esclarecimento do gênero humano, é simplesmente nulo e sem validade, mesmo que fosse confirmado pelo poder supremo, pelos parlamentos e pelos mais solenes tratados de paz. Uma época não pode se aliar e conjurar para colocar a seguinte em um estado em que se torne impossível para esta ampliar seus conhecimentos (particularmente os mais imediatos), purificar-se dos erros e avançar mais no caminho do esclarecimento. Isto seria um crime contra a natureza humana, cuja determinação original consiste precisamente neste avanço. E a posteridade está portanto plenamente justificada em repelir aquelas decisões, tomadas de modo não autorizado e criminoso. Quanto ao que se possa estabelecer como lei para um povo, a pedra de toque está na questão de saber se um povo se poderia ter ele próprio submetido a tal lei. Seria certamente possível, como se à espera de lei melhor, por determinado e curto prazo, e para introduzir certa ordem. Ao mesmo tempo, se franquearia a qualquer cidadão, especialmente ao de carreira eclesiástica, na qualidade de sábio, o direito de fazer publicamente, isto é, por meio de obras escritas, seus reparos a possíveis defeitos das instituições vigentes. Estas últimas permaneceriam intactas, até que a compreensão da natureza de tais coisas se tivesse estendido e aprofundado, publicamente, a ponto de tornar-se possível levar à consideração do trono, com base em votação, ainda que não unânime, uma proposta no sentido de proteger comunidades inclinadas, por sincera convicção, a normas religiosas modificadas, embora sem detrimento dos que preferissem manter-se fiéis às antigas. Mas é absolutamente proibido unificar-se em uma constituição religiosa fixa, de que ninguém tenha publicamente o direito de duvidar, mesmo durante o tempo de vida de um homem, e com isso por assim dizer aniquilar um período de tempo na marcha da humanidade no caminho do aperfeiçoamento,

e torná-lo infecundo e prejudicial para a posteridade. Um homem sem dúvida pode, no que respeita à sua pessoa, e mesmo assim só por algum tempo, na parte que lhe incumbe, adiar o esclarecimento. Mas renunciar a ele, quer para si mesmo quer ainda mais para sua descendência, significa ferir e calcar aos pés os sagrados direitos da humanidade. O que, porém, não é lícito a um povo decidir com relação a si mesmo, menos ainda um monarca poderia decidir sobre ele, pois sua autoridade legislativa repousa justamente no fato de reunir a vontade de todo o povo na sua. Quando cuida de toda melhoria, verdadeira ou presumida, coincida com a ordem civil, pode deixar em tudo o mais que seus súditos façam por si mesmos o que julguem necessário fazer para a salvação de suas almas. Isto não lhe importa, mas deve apenas evitar que um súdito impeça outro por meios violentos de trabalhar, de acordo com toda sua capacidade, na determinação e na promoção de si. Causa mesmo dano a sua majestade quando se imiscui nesses assuntos, quando submete à vigilância do seu governo os escritos nos quais seus súditos procuram deixar claras suas concepções. O mesmo acontece quando procede assim não só por sua própria concepção superior, com o que se expõe à censura: *Ceaser non est supra grammaticos*, mas também e ainda em muito maior extensão, quando rebaixa tanto seu poder supremo que chega a apoiar o despotismo espiritual de alguns tiranos em seu Estado contra os demais súditos.

Se for feita então a pergunta: “vivemos agora uma época esclarecida?”, a resposta será: “não, vivemos em uma época de esclarecimento. Falta ainda muito para que os homens, nas condições atuais, tomados em conjunto, estejam já numa situação, ou possam ser colocados nela, na qual em matéria religiosa sejam capazes de fazer uso seguro e bom de seu próprio entendimento sem serem dirigidos por outrem. Somente temos claros indícios de que agora lhes foi aberto o campo no qual podem lançar-se livremente a trabalhar e tornarem progressivamente menores os obstáculos ao esclarecimento geral ou à saída deles, homens, de sua menoridade, da qual são culpados. Considerada sob este aspecto, esta época é a época do esclarecimento ou o século de *Frederico*.”

Um príncipe que não acha indigno de si dizer que considera um dever não prescrever nada aos homens em matéria religiosa, mas deixar-lhes em tal assunto plena liberdade, que, portanto, afasta de si o arrogante nome de *tolerância*, é realmente esclarecido e merece ser louvado pelo mundo agradecido e pela posteridade como aquele que pela primeira vez libertou o gênero humano da menoridade, pelo menos por parte do governo, e deu a cada homem a liberdade de utilizar sua própria razão em todas as questões da consciência moral.

Música/Arte



■ Gabriel o Pensador

Retrato de um Playboy (Juventude Perdida)

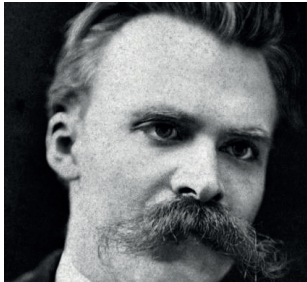
“Não sei o que é a vida, não penso não
 Sonho, praia, surfe e chopp essa é
 minha realidade,
 Não saio disso porque me falta
 personalidade
 Não tenho cérebro, apenas me
 enquadro no sistema,
 Ser tapado é minha sina, ser
 playboy é meu problema
 Faço só o que os outros fazem, acho
 isso legal”

“Eu não sei nada dessa vida e desse
 mundo onde estou,
 E quando eu saio na rua que eu
 vejo o merda que eu sou
 Sem ter o que fazer, sem ter o que
 pensar,
 Eu encho a cara de bebida até
 vomitar
 E os meus falsos amigos que vão lá
 me carregar
 São os mesmos que depois só vão
 me sacanear
 Mas na cabeça da galera também
 não tem nada,
 Somos um monte de merda dentro
 da mesma privada,”

*Retrato de um Playboy: “o
 homem em seu estado de
 menoridade”*

Filosofia

“Por vezes, as pessoas não querem ouvir a verdade, porque não desejam que suas ilusões sejam destruídas.”



https://goo.gl/Wv5TAK

■ Nietzsche (1844-1900)
Foi um filósofo alemão do século 19.

Vocabulário

Autonomia: segundo Kant (1724-1804), capacidade da vontade humana de se autodeterminar segundo uma legislação moral por ela mesma estabelecida, livre de qualquer fator estranho ou exógeno com uma influência subjugante, tal como uma paixão ou uma inclinação afetiva incoercível.

Gr. autonomía “direito de reger-se segundo leis próprias”.

Sob seu governo os sacerdotes dignos de respeito podem, sem prejuízo de seu dever funcional, expor livre e publicamente, na qualidade de súditos, ao mundo, para que os examinasse, seus juízos e opiniões num ou noutro ponto discordantes do credo admitido. Com mais forte razão isso se dá com os outros, que não são limitados por nenhum dever oficial. Este espírito de liberdade espalha-se também no exterior, mesmo nos lugares em que tem de lutar contra obstáculos externos estabelecidos por um governo que não se compreende a si mesmo. Serve de exemplo para isto o fato de num regime de liberdade a tranquilidade pública e a unidade da comunidade não constituírem em nada motivo de inquietação. Os homens se desprendem por si mesmos progressivamente do estado de selvageria, quando intencionalmente não se requinta em conservá-los nesse estado.

Acentuei preferentemente em matéria religiosa o ponto principal do esclarecimento, a saída do homem de sua minoridade, da qual tem a culpa. Porque no que se refere às artes e ciências nossos senhores não têm nenhum interesse em exercer a tutela sobre seus súditos, além de que também aquela minoridade é de todas a mais prejudicial e a mais desonrosa. Mas o modo de pensar de um chefe de Estado que favorece a primeira vai ainda além e compreende que, mesmo no que se refere à sua *legislação*, não há perigo em permitir a seus súditos fazer uso público de sua própria razão e expor publicamente ao mundo suas ideias sobre uma melhor compreensão dela, mesmo por meio de uma corajosa crítica do estado de coisas existentes. Um brilhante exemplo disso é que nenhum monarca superou aquele que reverenciamos.

Mas também somente aquele que, embora seja ele próprio esclarecido, não tem medo de sombras e ao mesmo tempo tem à mão um numeroso e bem disciplinado exército para garantir a tranquilidade pública, pode dizer aquilo que não é lícito a um Estado livre ousar: *raciocinais tanto quanto quiserdes e sobre qualquer coisa que quiserdes; apenas obedeci!* Revela-se aqui uma estranha e não esperada marcha das coisas humanas; como, aliás, quando se considera esta marcha em conjunto, quase tudo nela é um paradoxo. Um grau maior de liberdade civil parece vantajoso para a liberdade de espírito do povo e, no entanto, estabelece para ela limites intransponíveis; um grau menor daquela dá a esse espaço o ensejo de expandir-se tanto quanto possa. *Se, portanto, a natureza por baixo desse duro envoltório desenvolveu o germe de que cuida delicadamente, a saber, a tendência e a vocação ao pensamento livre, este atua em retorno progressivamente sobre o modo de sentir do povo (com o que este se torna capaz cada vez mais de agir de acordo com a liberdade), e finalmente até mesmo sobre os princípios do governo, que acha conveniente para si próprio tratar o homem, que agora é mais do que simples máquina, de acordo com a sua dignidade.*

■ <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/b47.pdf>

■ TEXTO 5 – ORIGEM DO CONHECIMENTO (SÍNTESE DAS EPISTEMOLOGIAS DE DIVERSOS FILÓSOFOS DA MODERNIDADE)

Qual a origem do conhecimento: a razão ou a experiência?

Algumas respostas filosóficas:

1. Racionalismo

Para o racionalismo a razão é a fonte principal do conhecimento. O conhecimento sensível é considerado enganador. Por isso, as representações da razão são as mais certas e as únicas que podem conduzir ao conhecimento logicamente necessário e universalmente válido.

A razão é capaz de conhecer a estrutura da realidade a partir de princípios puros da própria razão. A ordenação lógica do mundo permite compreender a sua estrutura de forma dedutiva. O racionalismo segue, neste aspecto, o modelo matemático de dedução a partir de um reduzido número de axiomas.

Os racionalistas partem do princípio de que o sujeito cognoscente é ativo e, ao criar uma representação de qualquer objeto real, está a submetê-lo às suas estruturas ideias.

Entre os filósofos que assumiram uma perspectiva racionalista do conhecimento, destacam-se **Platão**, **René Descartes** (1596-1650), **Spinoza** (1632-1677) e **Leibniz** (1646-1716), que partem do princípio de que possuímos ideias inatas e de que a realidade é uma construção da razão.

a) Descartes é considerado o fundador do racionalismo moderno. As fases da sua filosofia podem ser resumidas da seguinte maneira:

- **Objetivo.** Atingir verdades indiscutíveis, deduzidas logicamente, a partir de uma evidência irrefutável.
- **Dúvida metódica:** Para atingir um conhecimento absoluto, tem que eliminar tudo o que seja susceptível de dúvida. Nesse sentido, começa por suspender todos os conhecimentos susceptíveis de serem postos em causa. Descobre que todos os dados dos sentidos podem enganá-lo.
- **Primeira evidência.** Ao pôr tudo em dúvida, e enquanto o faz, descobre que a única coisa que resiste à própria dúvida é a razão. Esta seria a primeira verdade absoluta da filosofia. “Eu penso, logo existo” (*cogito*).
- **Ideias inatas.** Descobre ainda que possuímos ideias, como a ideia de perfeição, que se impõem à razão como verdadeiras, mas que não derivam da experiência, nem

foram por nós criadas. Atribui a sua criação a Deus (prova da existência de Deus).

- **Deus – garantia da verdade.** Sendo a bondade um dos atributos de Deus, certamente que Ele não nos engana, logo as ideias inatas são verdadeiras. Deus é, assim, a garantia da possibilidade do acesso à verdade.
- **Dualismo.** Deduz uma divisão nas coisas:
 Aquilo cuja existência se revelou irrefutável, corresponde à **res cogitans**, isto é, à razão (“pensamento”, “espírito”, “alma” ou “entendimento”). Apresenta-se como inextensa e livre.
 Aquilo cuja existência e determinação levanta dúvidas corresponde à **res extensa, isto é, ao mundo exterior** (corpos físicos). Os corpos são determinados pela sua extensão, movimento, forma, tamanho, quantidade, lugar e tempo. O mundo físico é assim desespiritualizado, pois está submetido às leis da física, mecânicas.
- **Dedução.** Só com base nessas ideias claras e distintas, segundo Descartes, se poderia construir por dedução um conhecimento universal e necessário.

2. Empirismo

Para o empirismo a experiência é a **fonte** de todo o conhecimento, mas também o seu **limite**. Os empiristas negam a existência de ideias inatas, como defendiam Platão e Descartes. A mente está vazia antes de receber qualquer tipo de informação proveniente dos sentidos. Todo o conhecimento sobre as coisas, mesmo aquele em que se elaboram leis universais, provém da experiência, por isso mesmo só é válido dentro dos limites do observável.

Os empiristas reservam para a razão a função de uma mera organização de dados da experiência sensível, sendo as ideias ou os conceitos da razão simples cópias ou combinações de dados provenientes da experiência.

Entre os filósofos que assumiram uma perspectiva empirista destacam-se **John Locke** (1632-1704) e **David Hume** (1711-1776).

- a) **Locke** afirma que o conhecimento começa do particular para o geral, das impressões sensoriais para a razão. O espírito humano é uma espécie de “tábua rasa”, na qual se agravarão as impressões provenientes do mundo exterior. Não há ideias nem princípios inatos. Nenhum ser humano por mais genial que seja é capaz de construir ou inventar ideias, nem sequer é capaz de destruir as que existem. As ideias, quer sejam provenientes das sensações, quer provenham da reflexão, têm sempre na experiência a sua origem. As ideias complexas não são mais do que

combinações realizadas pelo entendimento de ideias simples formadas a partir da recepção dos dados empíricos. A experiência é não apenas a origem de todas as ideias, mas também o seu limite.

- b) **Hume** rejeita, como Locke, o inatismo cartesiano. As ideias são o resultado de uma reflexão das impressões (sensações) recebidas das experiências sensíveis. A imaginação permite-nos associar ideias simples entre si para formar ideias complexas.

Exemplo de ideias simples decorrentes das impressões: vermelho, tomates, macio.

Exemplo da formação de ideias complexas a partir de ideias simples: os tomates são vermelhos e macios.

Qualquer ideia tem assim origem em impressões sensoriais. As impressões não nos dão a realidade, mas são a própria realidade. Por isso podemos dizer que estas são verdadeiras ou falsas. As ideias só são verdadeiras se procederem de impressões. Neste sentido, todas aquelas que não correspondam a impressões sensíveis são falsas ou meras ficções, como é o caso das ideias de “substância espírito”, “causalidade”, pois não correspondem a algo que exista.



Tipos de Conhecimento Segundo Hume

Distingue dois tipos de conhecimento:

1. Conhecimento resultante das relações entre ideias. Nesta categoria incluem-se a aritmética, a álgebra e a geometria. Estamos perante raciocínios demonstrativos, cujas conclusões são independentes da realidade e se apresentam como necessárias.

2. Conhecimento resultante da relação entre fatos. Esses raciocínios são indutivos, logo apenas prováveis. Correspondem em geral a relações de causa-efeito.

A Questão da Causalidade Segundo Hume

Introduz um dado novo nas teses empiristas quando afirma que a identidade entre a ordem das coisas e a ordem das ideias resulta de hábitos mentais ou na crença que existe uma ligação necessária entre os fenômenos. A ligação causal entre os fenômenos não é algo que possa ser observado. O que observamos é uma sucessão cronológica de fenômenos, em que uns são anteriores a outros.

Essa sucessão leva-nos a concluir que o **acontecimento A** foi causado pelo **acontecimento B**, mas o que efetivamente observamos foi que o primeiro se seguiu ao segundo. **Não observamos a relação causal entre os fenômenos.** A ligação que estabelecemos, segundo Hume, resulta de um **hábito**.

Acreditamos que a natureza é regida por leis invariáveis de causa-efeito, mas tal não passa de uma ilusão. Embora no passado uma dada sucessão de acontecimentos se possa ter verificado, nada nos garante que no futuro tal venha a acontecer. Apesar disso continuamos a afirmá-lo como se fosse uma certeza absoluta. O nosso conhecimento está alicerçado em crenças. Os fundamentos da ciência são, deste modo, de natureza psicológica.

Essa crítica ao conceito da causalidade terá profundas repercussões em filósofos posteriores, como I. Kant (1724-1804).

Ceticismo

Hume acaba por cair numa posição cética sobre o conhecimento.

1. Estamos **limitados pela experiência** e, por consequência tudo aquilo que não possa ser observado não existe. O conhecimento da natureza deve fundar-se exclusivamente em impressões que dela temos. Desta premissa decorre o seu ceticismo: **o homem não pode conhecer ou saber nada do universo. Só conhece as suas próprias impressões ou ideias e as relações que estabelece entre elas por hábito.** Tudo o que o homem sabe, por discurso racional, acerca do universo se deve única e exclusivamente à crença, que é um sentimento não racional. A razão está limitada no seu poder.

2. **Questiona o princípio da causalidade** em que se baseiam as ciências da natureza, pois não passa de uma crença.

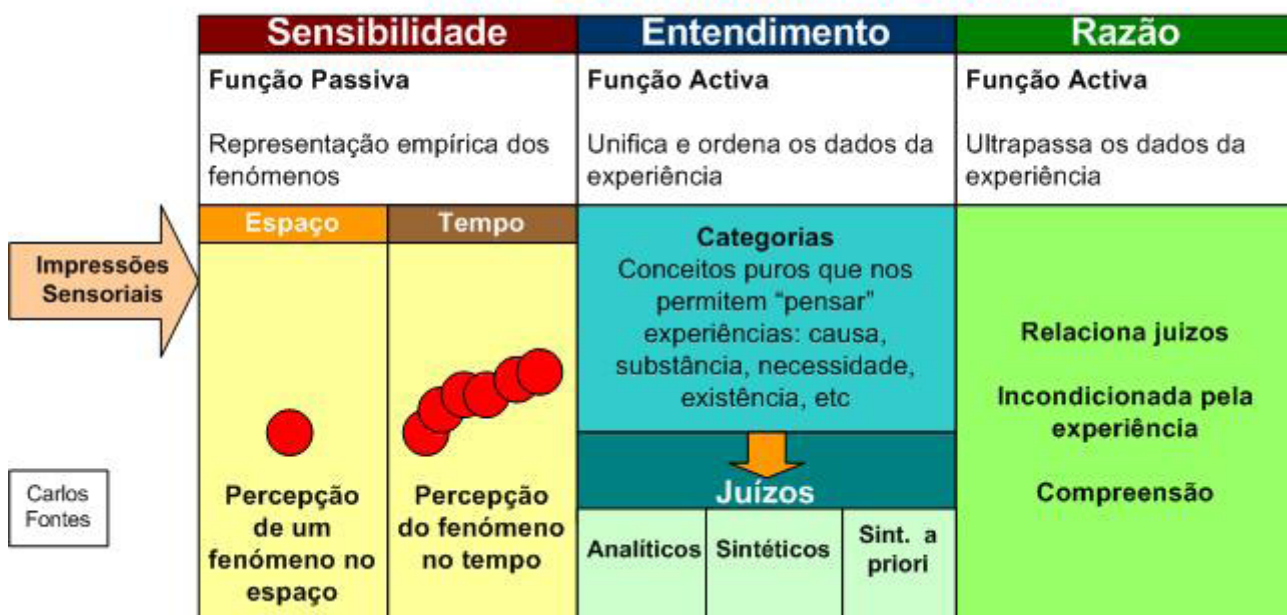
3. **Questiona também os fundamentos lógicos da indução**, ao afirmar que, pelo fato de algo ter acontecido muitas vezes no passado, não significa que venha a acontecer no futuro. O futuro não existe e como tal não é do domínio do conhecimento.

O debate histórico entre racionalistas e empiristas, em final do século XVIII, conduziu ao criticismo que procurou superar as limitações de ambas as correntes filosóficas.

3. Criticismo

Kant (1724-1804). Todo o conhecimento inicia-se com a experiência, mas este é organizado pelas estruturas *a priori* do sujeito. Segundo Kant o conhecimento é a síntese do dado na nossa sensibilidade (fenômeno) e daquilo que o nosso entendimento produz por si (conceitos). O conhecimento nunca é, pois, o conhecimento das coisas “em si”, mas das coisas “em nós”.

Kant - Estruturas Inatas do Sujeito



“O que podemos conhecer?” Essa foi a questão inicial que orientou a sua investigação. Ao contrário dos empiristas, afirmou que a mente humana não era uma “folha em branco”, mas sim constituída por um conjunto de estruturas inatas que recebiam, filtravam, davam forma e interpretavam as impressões externas.

a) Sensibilidade

A sensibilidade é uma faculdade que nos permite receber ou perceber objetos mediante impressões (sensações) através dos sentidos externos. Estas impressões são percebidas no **espaço** e no **tempo**, formas puras (vazias) que fazem parte das estruturas cognitivas inatas do sujeito. Elas são a condição indispensável para que possamos ter acesso ao conhecimento sensível (empírico).

b) Entendimento

O entendimento é uma faculdade que nos permite dar forma, unificar e ordenar os dados recebidos da sensibilidade. Para produzir conhecimentos (juízos), utiliza **12 categorias** (causa, substância, etc); cuja função é estabelecer relações entre fenômenos (julgamentos). Os juízos são, pois, operações de interpretação e organização dos dados sensoriais. O conhecimento resulta da aplicação dessas categorias (conceitos puros) à experiência.

Classificou os juízos em três tipos:

- **Juízos analíticos.** Ex: “O triângulo tem três lados”. O predicado está contido sujeito. Trata-se de um juízo *a priori*, isto é, não está dependente da experiência. Esse tipo de juízo é universal e necessário.
- **Juízos sintéticos.** Ex. “Os lisboetas medem mais do que 1,3 metros de altura”. O predicado acrescenta elementos novos ao sujeito. Trata-se de um juízo *a posteriori*, pois assenta em dados da experiência e carece desta como comprova. Esse tipo de juízo não é universal, nem necessário.
- **Juízos sintéticos a priori** (a sua principal inovação teórica). Ex.: “Uma reta é a menor distância entre dois pontos”. Esse juízo acrescenta algo de novo ao sujeito, mas não está dependente da experiência. Esse tipo de juízo é universal e necessário.

c) Razão

A razão tem a função de sintetizar os conhecimentos, dando-lhes uma unidade mais elevada. Não trabalha sobre os conhecimentos sensoriais, mas sobre os juízos do entendimento. Elabora juízos dos juízos, produzindo “ideias” que ultrapassam os limites da experiência.

d) Fenômeno/Númeno

A teoria do conhecimento de Kant estabelece uma clara distinção entre “fenômeno” e “númeno”.

- O **Fenômeno** (“aquilo que se manifesta”) corresponde à realidade empírica, produzindo nos nossos sentidos impressões (sensações). É o limite de todo o conhecimento possível. Kant neste ponto concorda com os empiristas.
- O **Númeno** (“noumeno”), isto é, a “coisa em si mesma”, corresponde àquilo que os nossos sentidos não percebem, a nossa estrutura inata apenas nos permite aceder aquilo que delas se manifesta aos sentidos (o fenômeno). É impossível conhecer as coisas que estão para além dos dados dos sentidos,

como seja a alma, o mundo (como totalidade) ou Deus. A Metafísica é impossível como ciência. Embora não tenhamos a possibilidade de conhecer as coisas em si mesmas, podemos todavia através da razão tentar compreendê-las.

Essa distinção permitiu-lhe distinguir e delimitar os domínios da Ciência e os da Religião. A Ciência está confinada ao mundo físico, à experiência sensível, cabendo-lhe produzir o conhecimento. A Religião foi remetida para uma dimensão supras sensível, o nùmeno. Não produz conhecimento, mas ajuda-nos a compreender o sentido da nossa existência e do mundo.

f) Crítica

A teoria do conhecimento de Kant tem sido bastante contestada, num ponto central: a subjetividade do conhecimento.

Não admite um conhecimento puramente objetivo, pois está sempre condicionado pela subjetividade do sujeito. Todo o nosso conhecimento está à partida condicionado pelas estruturas transcendentais (*a priori*), pelas intuições do espaço e do tempo, as formas mentais das nossas categorias do entendimento. Unicamente conhecemos o que com essas “formas” se objetiva. Trata-se de uma profunda limitação que é difícil de justificar e aceitar.

■ Carlos Fontes. Fonte: <http://afilosofia.no.sapo.pt/11.Modelosexplicativos.3.htm>

■ A FILOSOFIA NO ENEM E NOS VESTIBULARES

1. (ENEM/2014) É o caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

(SILVA, F. L. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 2001. Adaptado.)

Apesar de questionar os conceitos da tradição, a dúvida radical da filosofia cartesiana tem caráter positivo por contribuir para o(a)

- dissolução do saber científico.
- recuperação dos antigos juízos.
- exaltação do pensamento clássico.
- surgimento do conhecimento inabalável.
- fortalecimento dos preconceitos religiosos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO

Observe a figura a seguir e responda à(s) questão(ões) seguinte(s).



Figura: Paris

(Disponível em: <<http://3.bp.blogspot.com/-CwvrGXyJWcY/TVmO91YqWsl/AAAAAAAAABc/DwC5qFtrcC4/s1600/image001.png>>. Acesso em: 23 mar. 2013.)

2. (UEL/2014) Leia o texto a seguir.

Descartes, na segunda parte do *Discurso do Método*, apresenta uma crítica às cidades antigas por serem caóticas. Tais cidades, por terem sido no início pequenos burgos e havendo se transformado, ao longo do tempo, em grandes centros, são comumente mal calculadas. Suas ruas curvas e desiguais foram obra do acaso e não uma disposição da vontade de alguns homens que se utilizaram da razão.

(DESCARTES, R. *Discurso do Método*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p.43-44. [Coleção Os Pensadores.]

Com base no texto, nos conhecimentos sobre o racionalismo cartesiano e sobre uma possível relação com o tema do planejamento e da construção das cidades, assinale a alternativa CORRETA.

- a) A arquitetura das cidades compreende as edificações planejadas, em que coincidem a ordem racional e a ordem da realidade objetiva.
- b) A experiência sensível era o princípio capaz de fundamentar as leis do conhecimento, permitindo certo ordenamento das construções nas cidades.
- c) A mente é como uma folha em branco, isenta de impressões, assim, o conhecimento que nos permite edificar as cidades inicia-se na execução.
- d) O conhecimento se constrói num processo que vai do particular para o universal, o que valoriza o caráter indutivo na construção das cidades.
- e) Os engenheiros e os mestres de obras se utilizam do conhecimento empírico para a edificação e o planejamento de nossas cidades.

3. (UEG/2013) A expressão “Tudo o que é bom, belo e justo anda junto” foi escrita por um dos grandes filósofos da humanidade. Ela resume muito de sua perspectiva filosófica, sendo uma das bases da escola de pensamento conhecida como

- a) cartesianismo, estabelecida por Descartes, na qual se acredita que a essência precede a existência.
- b) estoicismo, que tem no imperador romano Marco Aurélio um de seus grandes nomes, que pregava a serenidade diante das tragédias.
- c) existencialismo, que tem em Sartre um de seus grandes nomes, para o qual a existência precede a essência.
- d) platonismo, estabelecida por Platão, na qual se entendia o mundo físico como uma imitação imperfeita do mundo ideal.

4. (UNIOESTE/2013) “...esta palavra, Filosofia, significa o estudo da sabedoria, e por sabedoria não se deve entender apenas a prudência nos negócios, mas um conhecimento perfeito de todas as coisas que o homem pode saber, tanto para a conduta da sua vida como para a conservação da saúde e invenção de todas as artes. E para que este conhecimento assim possa ser, é necessário deduzi-lo das primeiras causas, de tal modo que, para se conseguir obtê-lo – e a isto se chama filosofar –, há que começar pela investigação dessas primeiras causas, ou seja, dos princípios. Estes devem obedecer a duas condições: uma, é que sejam tão claros e evidentes que o espírito humano não possa duvidar da sua verdade, desde que se aplique a considerá-los com atenção; a outra, é que o conhecimento das outras coisas dependa deles, de maneira que possam ser conhecidos sem elas, mas não o inverso. Depois disto, é indispensável que, a partir desses princípios, se possa deduzir o conhecimento das coisas que dependem deles, de tal modo que, no encadeamento das deduções realizadas, não haja nada que não seja perfeitamente conhecido.”

(Descartes)

“À medida que Descartes vai desenvolvendo sua ideia de um sistema reconstruído de conhecimento, vemos surgir dois componentes específicos da visão cartesiana. O primeiro é um individualismo radical: a ciência tradicional, ‘composta e acumulada a partir das opiniões de inúmeras e variadas pessoas, jamais logra acercar-se tanto da verdade quanto os raciocínios simples de um indivíduo de bom senso’. O segundo componente é uma ênfase na unidade e no sistema: ‘Todas as coisas que se incluem no alcance do conhecimento humano são interligadas’.”

(Cottingham)

Considerando os textos acima, que tratam da teoria cartesiana do conhecimento, é **INCORRETO** afirmar que

- a) a teoria cartesiana do conhecimento implica um sistema em que todos os conteúdos encontram-se intimamente relacionados.
- b) a teoria do conhecimento cartesiana pretende, a partir da elaboração de um método preciso, reconstruir o conhecimento em bases sólidas.
- c) a teoria do conhecimento cartesiana, que tem como objetivo a elaboração de uma ciência universal, serve-se, em certa medida, do modelo indutivista para alcançar seu objetivo.
- d) o conhecimento que se tem de cada coisa deriva de um processo no qual cada etapa pode ser conhecida sem o concurso de etapas posteriores, mas não o inverso.
- e) quando determinada noção se apresenta com clareza e com distinção, o sujeito pensante entende que se encontra frente a um conhecimento verdadeiro pela própria natureza da concepção cartesiana do conhecimento.

5. (UEM/2013) “Há já algum tempo dei-me conta de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões por verdadeiras e de que aquilo que depois eu fundei sobre princípios tão mal assegurados devia ser apenas muito duvidoso e incerto; de modo que era preciso tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões que recebera até então em minha crença e começar tudo novamente desde os fundamentos, se eu quisesse estabelecer alguma coisa de firme e de constante nas ciências.”

(DESCARTES, R. *Meditações sobre a filosofia primeira*. In: MARÇAL, J. *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009, p. 153.)

A partir do texto citado, assinale o que for **CORRETO**.

- 01) A verdadeira ciência ou conhecimento verdadeiro deve refutar toda e qualquer crença ou religião.
- 02) O início do processo filosófico de descoberta da verdade começa com a instauração da dúvida.
- 04) O espírito de investigação filosófica busca alicerces firmes, que não foram dados pelo modo como se adquiria o conhecimento até então.
- 08) A dúvida sobre o conhecimento que se tem decorre das opiniões e dos saberes mal apreendidos na escola.
- 16) Os alicerces firmes do conhecimento devem estar além das opiniões das autoridades acadêmicas.

6. (UFU/2013) Suporei, portanto, que há não um Deus ótimo, fonte soberana da verdade, mas algum gênio maligno, e ao mesmo tempo, sumamente poderoso e manhoso, que põe toda a sua indústria em que me engane: pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas externas nada mais são do que ludíbrios dos sonhos, ciladas que ele estende à minha credulidade.

(DESCARTES, R. *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Primeira Meditação /12/, Tradução de Fausto Castilho. Campinas: IFCH-Unicamp, 1999, p. 25.)

- a) Qual é, para Descartes, a relação existente entre o gênio maligno e a coisa pensante (*Res cogitans*)?
- b) Que argumento é utilizado por Descartes para afirmar a existência do Mundo?

7. (ENEM/2013)

TEXTO I

Há já de algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto. Era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente a fim de estabelecer um saber firme e inabalável.

(DESCARTES, R. *Meditações concernentes à Primeira Filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Adaptado.)

TEXTO II

É de caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

(SILVA, F. L. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 2001. Adaptado.)

A exposição e a análise do projeto cartesiano indicam que, para viabilizar a reconstrução radical do conhecimento, deve-se

- a) retomar o método da tradição para edificar a ciência com legitimidade.
- b) questionar de forma ampla e profunda as antigas ideias e concepções.
- c) investigar os conteúdos da consciência dos homens menos esclarecidos.
- d) buscar uma via para eliminar da memória saberes antigos e ultrapassados.
- e) encontrar ideias e pensamentos evidentes que dispensam ser questionados.

8. (UEM/2012) Na introdução do volume dedicado a Descartes, na coleção “Os Pensadores”, José Américo Motta Pessanha afirma que o papel da racionalidade cartesiana na fundação das ciências se dá da seguinte maneira: “A física de Descartes representa uma aplicação de sua metafísica, na qual Deus garante o conhecimento científico constituído a partir de ideias claras”.

(DESCARTES. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1994, p. 26.)

Sobre a fundação da racionalidade moderna, assinale o que for CORRETO.

- 01) A matemática foi, em diversos momentos da história, uma fonte inspiradora e metodológica da prática científica.
- 02) A física cartesiana está orientada contra os princípios de uma ciência meramente provável, razão pela qual Descartes recusa todos os juízos, demonstrações e dados que não possam ser tidos como verdadeiros e indubitáveis.
- 04) Para Descartes, a diversidade das ciências, que necessita de campos do saber específicos, inviabiliza a construção de um método e de regras para a direção do espírito, aplicáveis a qualquer tipo de conhecimento, seja qual for seu objeto de estudo.
- 08) Por Descartes adotar procedimentos céticos para a obtenção da primeira certeza, a reflexão cartesiana é precursora do falsificacionismo de Karl Popper, segundo o qual a falsificabilidade define uma teoria científica.
- 16) O *more geométrico* cartesiano tem como efeito o desenvolvimento de teorias políticas e o fortalecimento de instituições sociais republicanas. Por isso, Jean-Jacques Rousseau e Thomas Hobbes tomam o *Discurso do Método* como ponto de partida do pensamento político moderno.

9. (UFSJ/2012) Ao analisar o *cogito ergo sum* – penso, logo existo, de René Descartes, conclui-se que

- a) o pensamento é algo mais certo que a própria matéria corporal.
- b) a subjetividade científica só pode ser pensada a partir da aceitação de uma relação empírica fundada em valores concretos.
- c) o *eu* cartesiano é uma ideia emblemática e representativa da ética que insurgia já no século XVI.
- d) Descartes consegue infirmar todos os sistemas científicos e filosóficos ao lançar a dúvida sistemático-indutiva respaldada pelas ideias iluministas e métodos incipientes da revolução científica.

10. (UEL/2012) Leia o texto a seguir.

Mas há algum, não sei qual, enganador mui poderoso e mui ardiloso que emprega toda sua indústria em enganar-me sempre. Não há, pois, dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito.

(DESCARTES, René. *Meditações*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p.100 – Coleção Os Pensadores.)

A partir do texto e dos conhecimentos acerca de Descartes:

- a) Apresente o propósito e os graus da dúvida metódica.
- b) Demonstre como Descartes descobre que o pensamento é a verdade primeira.

11. (UNIMONTES/2012) Como podemos conhecer? Eis uma questão central da investigação filosófica. Uma das respostas mais radicais foi formulada pelo filósofo francês René Descartes, que escreveu um texto que colaborou de maneira significativa para a ciência moderna. Marque a alternativa que indica a obra de René Descartes.

- a) Manifesto do Partido Comunista.
- b) Contrato Social.
- c) Discurso do Método.
- d) Paideia.

12. (UEM-PAS/2012) Considere o seguinte texto do filósofo francês René Descartes (1596-1650): “Deleitava-me principalmente com as matemáticas, devido à certeza e à evidência de suas razões; mas ainda não percebia sua verdadeira aplicação, e, julgando que só serviam às artes mecânicas, espantava-me de que, sendo seus fundamentos tão seguros e sólidos, não se houvesse construído sobre eles nada de mais elevado”.

(Discurso do Método. In: *Descartes*, Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004, p.40.)

A respeito de Descartes e de suas contribuições para a filosofia e as ciências, assinale o que for CORRETO.

- 01) Descartes não apenas apresentou interesse filosófico nas matemáticas e nas ciências correlatas, mas também contribuiu para o progresso delas, desenvolvendo, por exemplo, a Geometria Analítica e a Óptica.
- 02) Descartes se deleitava com as matemáticas devido ao fato de a experiência e os dados vindos dos sentidos fornecerem elementos para a construção dos princípios inaugurais dessas ciências.
- 04) O método cartesiano permite dispensar a certeza e a evidência dos princípios que fundamentam um conhecimento em favor de uma justificação empírica desse mesmo conhecimento.
- 08) A ideia de extensão (ou tridimensionalidade) dos corpos é, ao contrário dos dados recebidos pelos sentidos, certa e evidente.
- 16) Similarmente ao que ocorre nas matemáticas, Descartes pretendeu construir um sistema filosófico a partir de poucos princípios que fundamentassem as demais verdades desse sistema.

13. (UFF/2012) O filósofo francês René Descartes escreveu o seguinte em seu *Discurso do Método*:

“Logo que adquiri algumas noções gerais relativas à Física, julguei que não podia mantê-las ocultas, sem pecar grandemente contra a lei que nos obriga a procurar o bem geral de todos os homens. Pois elas me fizeram ver que é possível chegar a conhecimentos que sejam úteis à vida e assim nos tornar como que senhores e possuidores da natureza. O que é de desejar, não só para a invenção de uma infinidade de utensílios, que permitiriam gozar, sem qualquer custo, os frutos da terra e de todas as comodidades que nela se acham, mas principalmente também para a conservação da saúde, que é sem dúvida o primeiro bem e o fundamento de todos os outros bens desta vida.”

Assinale a alternativa que resume o pensamento de Descartes.

- a) O conhecimento deve ser mantido oculto para evitar que seja empregado para dominar a natureza.
- b) O conhecimento da natureza satisfaz apenas ao intelecto e não é capaz de alterar as condições da vida humana.
- c) Nosso intelecto é incapaz de conhecer a natureza.
- d) Devemos buscar o conhecimento exclusivamente pelo prazer de conhecer.
- e) O conhecimento e o domínio da natureza devem ser empregados para satisfazer as necessidades humanas e aperfeiçoar nossa existência.

14. (ENEM/2012)

TEXTO I

Experimentei algumas vezes que os sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.

(DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.)

TEXTO II

Sempre que alimentarmos alguma suspeita de que uma ideia esteja sendo empregada sem nenhum significado, precisaremos apenas indagar: de que impressão deriva esta suposta ideia? E se for impossível atribuir-lhe qualquer impressão sensorial, isso servirá para confirmar nossa suspeita.

(HUME, D. *Uma investigação sobre o entendimento*. São Paulo: Unesp, 2004. Adaptado.)

Nos textos, ambos os autores se posicionam sobre a natureza do conhecimento humano. A comparação dos excertos permite assumir que Descartes e Hume

- defendem os sentidos como critério originário para considerar um conhecimento legítimo.
- entendem que é desnecessário suspeitar do significado de uma ideia na reflexão filosófica e crítica.
- são legítimos representantes do criticismo quanto à gênese do conhecimento.
- concordam que conhecimento humano é impossível em relação às ideias e aos sentidos.
- atribuem diferentes lugares ao papel dos sentidos no processo de obtenção do conhecimento.

15. (UNICENTRO/2012) Para o racionalismo, a razão é a verdadeira fonte do conhecimento. De acordo com essa afirmativa, os filósofos que podem ser considerados racionalistas são

- Locke, Plotino e Hume.
- Kant, Aristóteles e Nietzsche.
- Platão, Descartes e Karl Marx.
- Descartes, Malebranche e Hume.
- Platão, Santo Agostinho e Descartes.

16. (UENP/2012) A charge abaixo retrata a oposição **epistemológica** de duas escolas filosóficas cujos iniciadores podem ser considerados, respectivamente, Francis Bacon e René Descartes. Assinale a alternativa correta.



- a) Empirismo X Criticismo
- b) Ceticismo X Existencialismo
- c) Empirismo X Racionalismo
- d) Racionalismo X Existencialismo
- e) Racionalismo X Ceticismo

17. (UNICENTRO/2012) Sobre Conhecimento em Filosofia, analise estas afirmativas e marque com **V** as verdadeiras e com **F** as falsas.

- () A dúvida metódica é construção do materialismo.
- () O empirismo enfatiza o papel da razão na busca da verdade.
- () Para evitar o erro, a questão do método tornou-se fundamental na filosofia moderna.
- () A confiança no poder da razão levada às últimas consequências é característica da pós-modernidade.
- () Descartes estabelece como regras, na busca da verdade, a evidência, a análise, a ordem e a enumeração.

A partir da análise dessas afirmativas, a alternativa que indica a sequência CORRETA, de cima para baixo, é a

- a) V V V F F
- b) F F F V V
- c) F F V F V
- d) V V F F F
- e) F V V V F

18. (UFU/2011) Na obra *Discurso sobre o Método*, René Descartes propôs um novo método de investigação baseado em quatro regras fundamentais, inspiradas na geometria: evidência, análise, síntese, controle.

Assinale a alternativa que contenha CORRETAMENTE a descrição das regras de análise e síntese.

- a) A regra da *análise* orienta a enumerar todos os elementos analisados; a regra da *síntese* orienta decompor o problema em seus elementos últimos, ou mais simples.
- b) A regra da *análise* orienta a decompor cada problema em seus elementos últimos ou mais simples; a regra da *síntese* orienta ir dos objetos mais simples aos mais complexos.
- c) A regra da *análise* orienta a remontar dos objetos mais simples até os mais complexos; a regra da *síntese* orienta prosseguir dos objetos mais complexos aos mais simples.
- d) A regra da *síntese* orienta a acolher como verdadeiro apenas aquilo que é evidente; a regra da *análise* orienta descartar o que é evidente e só orientar-se, firmemente, pela opinião.

19. (UEM/2011) René Descartes é o inaugurador da Filosofia moderna, por ter investigado a fundo os problemas que ocupam os filósofos desde o nascimento da Filosofia, a saber: o que é substância, a relação entre alma e corpo, o problema do conhecimento, a extensão e o movimento e outros.

Sobre a Filosofia cartesiana, assinale o que for CORRETO.

- 01) René Descartes representa, para a história da Filosofia, avanços no plano científico, sem desenvolver a metafísica da modernidade, razão pela qual seu pensamento foi reformulado pelo movimento enciclopedista, no século XVIII.
- 02) A primeira certeza obtida por Descartes é a constatação de que o “eu penso, enquanto eu duvido, é sempre verdadeiro”, resumida pela fórmula “duvido, logo, penso, logo, sou”.
- 04) David Hume apresenta, em relação a Descartes, um projeto de continuidade e aprofundamento. Com as teses do idealismo, toda a Filosofia britânica da época tornou-se propagadora do pensamento cartesiano.
- 08) Como Francis Bacon, Descartes afirma a possibilidade do conhecimento verdadeiro, por meio de uma reforma do entendimento e das ciências, porém, diferentemente de Bacon, Descartes não vê a necessidade de essa reforma exigir mudanças sociais e políticas.
- 16) Para Descartes, tanto o sujeito do conhecimento quanto as ideias claras e distintas são mitos filosóficos, pois a consciência não pode ser o objeto de si mesma.

20. (UNIOESTE/2011) Considerando-se as primeiras linhas das *Meditações sobre a filosofia primeira* de René Descartes:

“Há já algum tempo dei-me conta de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões por verdadeiras e de que aquilo que depois eu fundei sobre princípios tão mal assegurados devia ser apenas muito duvidoso e incerto; de modo que era preciso tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões que recebera até então em minha crença e começar tudo novamente desde os fundamentos, se eu quisesse estabelecer alguma coisa de firme e de constante nas ciências. (...) Agora, pois, que meu espírito está livre de todas as preocupações e que obtive um repouso seguro numa solidão tranquila, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade a destruir em geral todas as minhas antigas opiniões”.

É CORRETO afirmar sobre a teoria do conhecimento cartesiana que

- a) Descartes não utiliza um método ou uma estratégia para estabelecer algo de firme e certo no conhecimento, já que suas opiniões antigas eram incertas.
- b) Descartes considera que não é possível encontrar algo de firme e certo nas ciências, pois até então esse objetivo não foi atingido.
- c) Descartes, ao rejeitar o que a tradição filosófica considerou como conhecimento, busca fundamentar nos sentidos uma base segura para as ciências.
- d) ao investigar uma base firme e indestrutível para o conhecimento, Descartes inicia rejeitando suas antigas opiniões e utiliza o método da dúvida até encontrar algo de firme e certo.
- e) Descartes necessitou de solidão para investigar as suas antigas opiniões e encontrar entre elas aquela que seria o verdadeiro fundamento do conhecimento.

■ GABARITO:

Resposta da questão 1: [D]

Resposta da questão 2: [A]

Resposta da questão 3: [D]

Resposta da questão 4: [C]

Resposta da questão 5: $02 + 04 + 16 = 22$.

Resposta da questão 6:

- a) A primeira meditação pretende estabelecer uma dúvida forte sobre todas as coisas. A finalidade desse estabelecimento é forçar o encontro com um conhecimento forte e bastante para aguentar a contundência de tal dúvida e superá-la. O gênio maligno e o Deus enganador possuem a mesma função, porém, como diz Gérard Lebrun na nota 21 do texto das meditações:

“o gênio maligno é um artifício psicológico que, impressionando mais a minha imaginação, levar-me-á a tomar a dúvida mais a sério e a inscrevê-la melhor em minha memória (“é preciso ainda que cuide de lembrar-me dela”).

(R. Descartes. *Meditações*. Coleção *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 88.)

Sendo assim, torna-se claro que a função do gênio maligno é, como artifício psicológico, manter a dúvida a respeito de tudo na sua última consequência e garantir que esta nulidade de conhecimentos seguros não seja esquecida. Porém, é esse mesmo gênio maligno que me iludindo a respeito de tudo não consegue me fazer duvidar de que algo é iludido enquanto pensa, isto é, não consegue me fazer duvidar desta *res cogitans*.

- b) O mundo exterior é derivado, segundo a filosofia cartesiana, da existência de Deus, isto é, o ser perfeitíssimo que só pode ser assim caso ele seja maior do que a ideia dele possuída pela *res cogitans*. A coisa pensante estaria encerrada em si mesma se não houvesse nela uma ideia de Deus, e como esta ideia existe então o mundo exterior pode começar a ser investigado com alguma segurança.

Resposta da questão 7: [B]

Resposta da questão 8: $01 + 02 = 03$.

Resposta da questão 9: [A]

Resposta da questão 10:

- a) Em Descartes, a dúvida expressa a tentativa de estabelecer um princípio firme e constante nas ciências. Seguindo a ordem das razões, serão submetidos à crítica os fundamentos do conhecimento, partindo do sensível (argumento dos sentidos), passando pela imaginação (argumento do sonho) e chegando às verdades matemáticas (argumento do deus enganador e do gênio maligno). Sendo metódica, a dúvida converter-se-á em universal e se, dela não resultar um princípio positivo para fundamentar o sistema da ciência, pelo menos não se tomará por verdadeiro o que for dubitável.
- b) Para Descartes, o pensamento aparece como uma evidência, tanto resultante como logicamente necessária do método da dúvida. Para que se possa duvidar, é necessário pensar, de tal forma que, mesmo que o gênio maligno me engane, ao menos será certo que estarei pensando e, por isso, poderei afirmar que sou e existo enquanto coisa pensante. É sobre essa verdade que Descartes desenvolve seu sistema de ciência.

Resposta da questão 11: [C]**Resposta da questão 12:** $01 + 08 + 16 = 25$.**Resposta da questão 13:** [E]**Resposta da questão 14:** [E]**Resposta da questão 15:** [E]**Resposta da questão 16:** [C]**Resposta da questão 17:** [C]**Resposta da questão 18:** [B]**Resposta da questão 19:** $02 + 08 = 10$.**Resposta da questão 20:** [D]

